UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Karla Novaes Gusmão

**O CONCEITO DE COLETIVIDADE NA OBRA *POEMA PEDAGÓGICO* DE ANTON MAKARENKO E A NARRAÇÃO COMO ELEMENTO DE EXPOSIÇÃO DE SEU PENSAMENTO**

São Cristovão- SE

2013

Karla Novaes Gusmão

**O CONCEITO DE COLETIVIDADE NA OBRA *POEMA PEDAGÓGICO* DE ANTON MAKARENKO E A NARRAÇÃO COMO ELEMENTO DE EXPOSIÇÃO DE SEU PENSAMENTO**

Monografia apresentada á Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Drª. Silvana Aparecida Bretas

São Cristovão- SE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**O CONCEITO DE COLETIVIDADE NA OBRA *POEMA PEDAGÓGICO* DE ANTON MAKARENKO E A NARRAÇÃO COMO ELEMENTO DE EXPOSIÇÃO DE SEU PENSAMENTO**

Karla Novaes Gusmão

Monografia aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ para obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

## Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. Silvana Aparecida Bretas

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. Marizete Lucini

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. Liana de Melo Torres

**AGRADECIMENTOS**

Mais um ciclo da minha vida se fecha ao concluir a graduação, contudo sei que aprender é um processo e que nunca termina. Agradeço a Deus pela força nessa caminhada tão árdua, pelo Seu amor incondicional.

Também agradeço a minha família, sem eles não conseguiria realizar esse objetivo, a minha mãe pelos seus esforços e as numerosas renúncias, a minha irmã, irmão e sobrinho.

A professora Silvana Bretas pela paciência e empenho, aprendi como nunca ao escrever esta monografia sob sua orientação.

Não posso esquecer pessoas especiais como minhas amigas Solange, Camila e Nelma companheiras no meu percurso até aqui, suas amizades tornaram mais amena essa jornada tão difícil. As minhas companheiras de orientação Grace Kelly e Graciella Umbelino, sempre me lembrarei dos nossos compartilhamentos das angústias ao escrever este trabalho.

A D. Dilma, Pr. Jaildo, D. Fernanda, Pr. Renato e a todos meus amigos da Iurd agradeço suas orações pela minha vida.

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo compreender a formação conceitual de coletividade da obra *Poema Pedagógico* de Anton Makarenko e interpretar a importância do conceito no contexto do pensamento pedagógico moderno no início do século XX. Esta pesquisa tem como método qualitativo, cuja abordagem será bibliográfica. O *Poema Pedagógico* é uma obra narrativa em que Makarenko descreve vivências de suas práticas na Colônia Gorki após a Revolução Socialista. Para este educador, o coletivo é uma construção realizada na convivência diária com os educandos e educadores.

**Palavras-chave**: Coletivo, educação socialista, narração, Anton Makarenko.

**ABSTRACT**

This work aims to understand the conceptual formation of collectivity of Pedagogical poem by Anton Makarenko and interpret the importance of the concept in the context of modern educational thought in the early 20th century. This research is qualitative method, which will be increased. The Pedagogical Poem is a narrative that describes their experiences practical Makarenko in Gorky Colony after the Socialist Revolution. For this educator, the collective is a construction held in daily interaction with learners and educators.

**Keywords**: collective, Socialist education, storytelling, Anton Makarenko.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO..............................................................................................................1

CAPÍTULO I –A construção de um pensamento socialista para a educação. Por que os educadores brasileiros não se interessam por Makarenko? ............................................5

CAPÍTULO II – O conceito de coletivo no Poema Pedagógico e a narração como elemento de exposição ..................................................................................................18

2.1- Entre a Colônia Gorki e a propriedade Trepke........................................................36

CAPÍTULO III -O que Makarenko pode dizer à escola pública brasileira?.................42

CONSIDERAÇÕES FINAIS ......................................................................................49

ANEXOS........................................................................................................................52

REFERÊNCIAS ............................................................................................................54

 [[1]](#footnote-1)

Fonte: René Capriles

**Introdução**

Este estudo procura investigar o conceito de coletividade na obra de Anton Makarenko *Poema Pedagógico* (1935), bem como compreender a sua narrativa como elemento fundamental de exposição de sua experiência pedagógica. Essa obra magnífica foi escrita logo após a Revolução Russa (1917), fato histórico que provocou profundas mudanças nessa sociedade como a eliminação da propriedade privada, planejamento econômico centralizado pelo Estado, desaparecimento da escola privada, destituição do poder religioso e consequente laicidade das instituições sociais, sobretudo da escola pública.

Então, era necessária a construção de um novo modelo social em que o coletivo prevalecesse sobre o individual, idealizando assim, uma escola com caráter democrático. Conforme o novo governo, o sistema capitalista era o culpado pela miséria que assolava a população russa, pelos altos índices de analfabetismo e pela educação separatista.

Anton Semionóvitch Makarenko tinha grande preocupação com a condição social dos meninos e das meninas menores de idade envolvidos com o crime. Era preciso deixar de considerar o aluno de modo abstrato como um ser ideal e também como objeto da educação que se manipula conforme objetivos previamente traçados. Logo, o novo objeto da educação comunista seria a coletividade. Mas de que forma Anton Makarenko constrói o conceito de coletividade na obra *Poema Pedagógico*? Mais especificamente, como ele pratica sua pedagogia que tem a coletividade como centro da ação educativa e, portanto, objeto da educação comunista?

Ressaltamos que Makarenko viveu dois momentos históricos que foram imprescindíveis para suas práticas pedagógicas, o *tsarismo* e a Revolução Socialista Russa. Esses dois paralelos antagônicos construiu o homem em que o educador se transformara. As teses de educadores contemporâneos a Makarenko (Rousseau, Froebel, Montessori), traziam a criança como o centro do processo de formação, ao contrário destes, ele deslocava este centro para a coletividade de educandos. Afinal, sua escola era uma construção de todos, colonistas, educadores e funcionários, esta instituição deveria ser um espaço amplo, aberto e em contato com a natureza, uma ideia que lutou e procurou preservar através da narração do *Poema Pedagógico*.

A decisão de estudar Anton Makarenko iniciou por pura curiosidade. Inicialmente propus a professora de Pesquisa em Educação, quando deveria elaborar o pré-projeto de pesquisa, estudar a vida e obra de um educador. Foi então que ela me sugeriu o nome de Makarenko devido à bela obra que escreveu e, como ela suspeitava, a ausência de estudo deste importante educador.

Foi assim que ao conhecer sua vida e obra aprendi admirá-lo e refletir sobre a sua contribuição para a escola atual. Para Belinky (1985, p.7) “um dos grandes nomes entre os pedagogos renovadores do nosso século”. O seu objetivo era educar os colonistas conforme suas capacidades, qualidades e limites para realizar tanto o trabalho manual quanto intelectual e assim, contemplar as suas necessidades individuais e coletivas na medida em que incorporavam a ideologia socialista. Dentre várias obras do educador, optamos pelo *Poema Pedagógico* por ser a sua maior obra literária em que narra a construção de um difícil processo educativo na Colônia Gorki (1920 a 1928)[[2]](#footnote-2). Neste caso, a constituição da coletividade educacional não era apenas um aspecto formal de sua pedagogia, mas, antes de tudo, a restituição da dignidade e esperança de jovens jogados à própria sorte naquela pobre URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - em transição do capitalismo ao socialismo. Novamente na visão de Belinky (1985) “É um livro que com dramaticidade e otimismo, (...) traz todo vigor da sua inconteste autoridade, do seu invencível humanismo e a força do seu inabalável amor pelo jovem ser humano”.

O presente estudo terá como modalidade de pesquisa o método qualitativo, cuja abordagem será bibliográfica, pois será elaborada a partir de material previamente selecionado. Para Fachin (2006, p.119), a pesquisa bibliográfica é uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural. Toda e qualquer pesquisa social tem por obrigação realizar a pesquisa bibliográfica, mas no nosso caso é necessário discutir os procedimentos metodológicos de um trabalho acadêmico que tem por fim a leitura e interpretação de uma obra. Por isso, após a leitura atenta e sistematizada acompanhada de anotações e fichamentos, foi delimitado o tema e definida a obra como objeto deste estudo, o *Poema Pedagógico*, volume 1. Nela, encontraram-se subsídios suficientes para refletir sobre os dois pontos principais que eleitos neste trabalho, a coletividade como centro da educação makarenkiana e a narrativa como elemento de exposição de seu pensamento. Por outro lado, era necessário adequar a pretensões do trabalho ao nível de exigência da monografia e do escasso tempo que se dispõe para concluí-la. Porém, não desconhecemos os volumes 2 e 3, que serão objetos de pesquisa posteriormente a este trabalho.

Na proposta metodológica também recorreu-se a principal comentadora brasileira de Makarenko, Cecília Luedemann, cujo livro foi publicado pela editora Expressão Popular, sob o título *Anton Makarenko Vida e obra: A pedagogia da revolução* (2002). E ao autor René Capriles, com sua obra publicada pela Editora Scipione, sob o título *Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista* (1989).

Para interpretar um autor tão vigoroso como Makarenko, apropriou-se do conceito de intelectual orgânico de Gramsci (2000) que foi entendido como adequado para definir a reflexão e ação deste jovem educador socialista.

O objetivo desta pesquisa é compreender a formação conceitual de coletividade da obra *Poema Pedagógico*; analisar, em especial, o conceito de coletivo na prática educativa de Anton Makarenko através de sua narração. Por fim, interpretar a atualidade da obra de para o atual estado da educação no Brasil.

O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro “A construção de um pensamento socialista para a educação. Por que os educadores brasileiros não se interessam por Makarenko?” que tratará sobre a vida e a obra mostrando ao leitor que existe uma relação entre a sua trajetória e suas práticas pedagógicas, além de demonstrar a escassez da sua obra no Brasil.

O segundo leva como título“O conceito de coletivo no *Poema Pedagógico* e a narração como elemento de exposição de seu pensamento”. Aborda o modo pelo qual se constituiu a ideia de coletivo na Colônia Gorki, para isso serão destacadas várias passagens da vida da Colônia narradas pelo educador e, então, seguir-se-á as análises possíveis.

O terceiro capítulo, “O que Makarenko pode dizer a escola pública brasileira?”, é, na verdade, uma espécie de exercício de pensamento para refletir o que o *Poema Pedagógico* pode responder a problemas tão complicados aos educadores e educandos da escola pública. Para isso, selecionamos algumas notícias sobre a educação escolar de forma aleatória buscando estabelecer um diálogo entre o educador e as situações ocorridas em solo brasileiro.

Por fim, as considerações finais serão reservadas para uma análise geral do que foi possível captar da obra, objeto deste estudo, do educador excepcional que foi Makarenko bem como sua atualidade para os nossos dias.

**Capítulo 1- A construção de um pensamento socialista para a educação. Por que os educadores brasileiros não se interessam por Makarenko?**

No presente capítulo apresenta-se a vida e obra de Anton Makarenko no intuito de conhecer a profunda relação entre sua trajetória existencial e seu legado pedagógico. Para isso, recorremos ao conceito de intelectual orgânico, nos termos gramscianos (2000), que nos permite compreender como no contexto histórico da Revolução Socialista Russa (1917) nasce um intelectual com proposições educacionais necessárias à sociedade que então emergia em antagonismo ao mundo capitalista. Além disso, pretende-se compreender a origem social deste educador através da convivência com a sua família, com o seu grupo social, sua ambiência na vida operária da Ucrânia que foi decisiva na sua formação moral e em sua prática educativa. Por fim, também identificar a ausência de estudos sobre sua obra entre os pesquisadores brasileiros, acarretando desconhecimento de toda a fortuna teórica e prática deste educador da vida moderna.

Nosso período histórico circunscreve-se entre os anos de 1905 a 1939 por marcar o início de suas atividades pedagógicas até a sua morte. A Revolução Russa foi, sem sombra de dúvidas, um processo político e econômico que influenciou os ideais sócio-educativos de Makarenko e, certamente, sua ação como pedagogo. Seus resultados exerceram influência através dos jovens colonistas e compôs o cenário da sociedade socialista que ali se desenhava.

Antes de iniciar tal empreitada, vale debater o que se entende por intelectual orgânico na acepção gramsciana como também demonstrar porque tal conceito é adequado para perfilar o educador ucraniano e sua ação na vida política soviética. Para Macciocchi (1976, p. 186) “Gramsci é o único marxista que tratou a fundo a questão dos intelectuais”, demonstrando que foi um elemento absolutamente estratégico para a Revolução Socialista. Desde já, se coloca como recurso teórico para não só descrever vida e obra de Makarenko, mas também a fim de captar as questões postas por aquelas transformações bem como o modo que foram pensadas pelo educador ucraniano.

Gramsci (2000, p.15) aborda que cada sociedade gera a sua própria categoria de intelectual resguardando, porém, suas especificidades conforme os arranjos sociais e históricos. Ainda na acepção gramsciana (*op.cit.*, p.18), todos os homens são intelectuais, mas nem todos exercem esta função como especialista, ou seja, cada homem vivendo a cultura pensa sobre ela e sobre ela age. Porém, há aqueles que exercem uma complexa função de dar homogeneidade e consciência ao grupo social que representam, no contexto do modo de produção desta ou daquela sociedade. Tal como explica Gramsci:

Todo o grupo social, nascendo no terreno originário desta função essencial do mundo da produção econômica, cria para si ao mesmo tempo organicamente uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homegeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (2000, p. 15).

Entende ele também que cada nova geração de intelectuais encontra categorias de intelectuais pré-existentes à sua geração e que, mesmo com as transformações mais radicais, procuram manter a hegemonia e a consciência tradicional e, deste modo, coloca em luta as diferentes perspectivas entre grupos de intelectuais, conforme as transformações historicamente ocorridas. Recorrendo novamente em Gramsci, ver-se-á que

Todo o grupo ‘essencial’, contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou-se pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias categorias intelectuais pré-existentes, as quais apareciam, aliás como representante de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pela mais complicada e radicais modificações das formas sociais e políticas (*op.cit.*, p. 16).

Mediante o exposto, o papel dos intelectuais, revela uma relação direita entre as camadas de intelectuais com a estrutura do mundo da produção, entretanto, tal relação não é imediata tal como as categorias de trabalhadores do chão da fábrica, mas sim uma relação mediatizada com toda a organização social, com o conjunto das superestruturas, do qual todos intelectuais são precisamente “funcionários” (*op.cit*., p. 21). Ainda aqui, a atividade do intelectual deve ser diferenciada conforme o envolvimento político com o grupo social qual pertence, por isso Gramsci distingue basicamente duas categorias de intelectuais:

Do ponto central da questão continua a ser a distinção entre intelectuais como categoria orgânica de cada grupo social fundamental e intelectuais da categoria tradicional, distinção da qual decorre toda uma série de problemas e de possíveis pesquisas históricas (*op. cit*., p. 23).

O intelectual orgânico é portador das pretensões políticas da classe social de onde se origina, ele defende e traduz através de seu discurso e ação a concepção de mundo que está nascendo. O intelectual orgânico da classe trabalhadora tem por objetivo que o povo que antes era excluído, agora tornem-se os “novos intelectuais”. Assim como expressa Macciocchi (1976, p. 199).

A missão do intelectual orgânico é empreender e realizar a ‘reforma intelectual e moral’ que leva toda massa a aceder ao *status* de intelectual, rompendo com a antiga subordinação do povo à cultura tradicional e reconciliando-a com sua própria cultura.

Deste modo, Anton Semionóvitch Makarenko, na compreensão do presente trabalho, adequa a que Gramsci chamou de intelectual orgânico. Afinal, ele captou o espírito de sua época e das transformações sociais, política e econômica da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, na medida em que propôs um processo educativo envolvendo os professores, os funcionários e os estudantes para experienciar a organização social e educativa da Colônia Gorki de modo coletivo, tendo em vista um contexto adverso para a sobrevivência. Desse modo, procura construir a hegemonia e consciência daquele grupo de jovens que viviam em situação de delinquência e os fazia refletir em suas condições de classe social. Por outro lado, Makarenko, como ver-se-á mais adiante, confronta as ideias pedagógicas enraizadas nas práticas educativas soviéticas que persistiam em manter o *status quo* da antiga sociedade. Um exemplo disso, os numerosos processos a que foi submetido em 1927, após a Revolução, julgado como um professor que utilizava de métodos negativos para a criação do novo homem soviético. Um fato que impediu muitas vezes de Makarenko acompanhar de perto os seus educandos, visto que precisava viajar para se defender do referidos processos.

Isto posto, pode-se prosseguir a exposição de sua vida e obra tal como foi prometido no início deste capítulo. Makarenko nasceu dia 1º de março 1888, em Bilopólie, província de Kharkov, na Ucrânia.

**Mapa da Ucrânia**



**Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78761.shtml**

Filho de Semion Grigorievich, um operário ferroviário, e de Tatiana Mikhailovna, uma dona de casa, era uma criança frágil que precisava dos intensos cuidados da família. No rigoroso inverno ucraniano, ficava em casa ouvindo as histórias contadas por sua mãe, o que o incentivou a aprender a ler e escrever antes mesmo de chegar à escola e fez surgir seu amor pela literatura. Em 1895, ingressou na escola primária onde era o melhor aluno da turma, gostava de observar a natureza e trabalhar na horta escolar com os colegas. Neste período, as crianças filhas de operários decidiam apenas entre três profissões: a fábrica, a guerra ou escola primária (LUEDEMANN, 2002, p.49).

Makarenko cursou o ginásio de seis anos de duração no ano de 1897. Nesse momento, sua curiosidade o levou a diversas leituras, como por exemplo, os livros de Skovoroda, Chachkevitch, Gholovatski, Franko, Tchevtchenko, Gogol, Gorki, entre outros. Nas escolas, ensinava-se russo, aritmética, geografia, história, ciências naturais, física e aulas de catecismo. Não estudou sua língua materna (ucraniana) proibida pelo império Tsarista russo[[3]](#footnote-3).

Em agosto de 1904, aos dezesseis anos, ingressou em um curso de onze meses de ensino para o magistério primário. Em 1º de setembro de 1905, aos 17 anos, foi empregado como professor de língua russa na Escola Primária Ferroviária de Kharkov, Ucrânia, mas nunca deixou de ensinar sua língua vernácula. Muita poesia, música e narrativas ucranianas eram contadas para as crianças. Nessa escola, houve um incidente com um dos alunos que fazia uma avaliação de aprendizagem pensada e realizada pelo próprio Makarenko que consistia em medir os avanços do que os alunos haviam aprendido e divulgar a média por colocação. Contudo, um dos alunos que ficou em 37º lugar tinha tuberculose e entrou em depressão profunda, consequência do seu resultado. O educador se sentiu tão amargurado que foi até a casa do menino pediu perdão e decidiu repensar sua metodologia e concluiu que a educação não é um ato isolado da realidade, mas deve ser relacionada com a vida.

Assim, influenciado pelas ideias humanistas de Gorki, nasceu um intelectual que se preocupava em humanizar a relação com seus alunos, cujo foco era fazer dos mesmos pessoas felizes. A partir de então, ele repensou seus métodos e percebeu que aprender é mais importante que uma simples nota e levar em consideração a individualidade de cada aluno ainda que se eduque o coletivo. Um intelectual que refletiu as transformações por que a sociedade estava passando e agiu em favor da realização da história no âmbito das experiências concretas de sua vida.

Makarenko não se esquivou da vida política, antes passou a participar com outros professores da organização do jornal Novaia Jizn (Nova Vida) já refletindo as ideias que a cada dia cresciam na Ucrânia sobre uma mudança na educação e na sociedade que não suportava mais os abusos do Tsar (*op.cit*.,p. 72).

Makarenko não lutou fisicamente nos campos de batalha da Revolução, mas como intelectual que era, lutou contra a hegemonia imposta pelo governo tsarista e depois contra o governo provisório instalado pelos burgueses através de sua metodologia e suas ideias pedagógicas revolucionárias para a época. O objetivo do socialismo era que os que antes eram explorados agora fossem os novos dirigentes da sociedade. Desde cedo, tinha consciência dos pequenos passos que dava a Revolução até a efetivação da instalação da URSS mesmo residindo na Ucrânia, pois se informava através de leituras que chegavam até a escola em Kharkov.

Sugeriu mudanças na estrutura pedagógica da escola Ferroviária, pois criticava os objetivos finais da entidade que se limitava a conhecimentos utilitários, visando produzir mão-de-obra escravizada. Suas ideias não foram aceitas gerando muitas discussões com o diretor levando a ser transferido para outra escola na estação Ferroviária de Dolinskaia, no qual foi empossado inspetor de instrução pública (CAPRILES, 1989, p.60). Menciona Luedemann (2002, p.77) que o educador foi transferido para uma escola afastada na estação ferroviária de Dolinskaia ao ser visado pela burocracia tsarista e sua punição era ser desligado da sala de aula e trabalhar como inspetor de ensino da escola.

Makarenko enfrentou situações difíceis para que suas concepções fossem aceitas, afinal ainda estava enraizada as ideias opressoras, de uma educação que não tinha o mínimo interesse em educar efetivamente a população geral e, por isso, limitavam o ensino de técnicas rudimentares da fábrica. O educador implementava de alguma forma práticas que desse condições para que os educandos compreendessem que o socialismo não era somente um modelo econômico, mas a transformação para a sociedade.

Ao chegar à escola (1911) o jovem Makarenko sentiu-se confiante, se via como diretor que agora teria certa autoridade para fazer mudanças educacionais. A partir de então, organizou atividades com as famílias para aproximá-las da instituição, realizando assim o seu sonho de envolver a comunidade na escola. O projeto cultural envolvia artes, teatro, música com o objetivo de preparar os educandos e pais para a luta pela liberdade. Também organizou com os professores e operários aos domingos, reuniões políticas clandestinas. Essas alterações formam um ensaio para as mudanças que Makarenko iria realizar na Colônia Gorki, apenas em 1920.

Iniciou o curso superior no Instituto Pedagógico de Poltava em 1914, estabelecimento que formava professores para o ensino secundário, no entanto, em 1916 foi chamado para o serviço militar em Kiev, Ucrânia. Mesmo sofrendo de uma forte miopia, fazia serviços administrativos no quartel, desesperado ele escreveu pedindo socorro aos amigos e em seguida fez alguns exames que comprovaram que era inapto para o cargo. Ao retornar a Poltava, precisou recuperar o tempo perdido e se dedicou a diversas literaturas. Por volta de 1917 - ano em que aconteceu a Revolução Russa - termina o curso e recebe homenagens por se destacar nos estudos. Na sua formação foi influenciado pelo escritor Máximo Gorki que retratou com fidelidade a realidade do jovem proletariado e dos rebeldes camponeses expulsos de suas terras (LUEDEMANN, 2002, p. 56).

Apesar de ocupado com seus intensos estudos, Anton Makarenko encontrou a mulher com quem se casaria em 1927, Galina Stakhievna Salkó, importante dirigente do Comissariado do Povo[[4]](#footnote-4) para a Instrução Pública da Ucrânia. O romance iniciou com a visita dela na Colônia Gorki, acostumada a várias instituições de reeducação, se impressionou como foi recebida com intenso respeito. Makarenko se impressionou, afinal, ele não queria se envolver com alguém, mas ela era especial. Ele a observava a todo o momento, pois se tratava de alguém que se importava com os jovens que precisavam de intensos cuidados.

Na dinâmica histórica das transformações porque passava o antigo Império Russo (1721 – 1922), uma monarquia absolutista, a população deste país e das colônias dependentes, como a Ucrânia, subsistiam sob péssimas condições de vida, tirava o sustento da agricultura e a maior partes das terras produtivas eram de propriedade da nobreza. Na cidade, a situação dos operários não era diferente, eles trabalhavam excessivamente nas poucas indústrias existentes na Rússia naquele período e tinham baixos salários. A Igreja controlava a instrução popular, os poucos camponeses e operários que frequentavam a escola recebiam instrução não-científica, fundamentado em textos eclesiásticos. Segundo Capriles (1989), no início do século XX a Rússia no setor da educação era uma das mais atrasadas do mundo, a maioria da população era analfabeta.

Os trabalhadores realizaram uma manifestação pacífica na capital da Rússia em 1905 e foram violentamente contidos e mortos pelo exército imperial, o que ficou conhecido como Domingo Sangrento. Logo após, foram organizadas greves gerais e diversas fábricas pararam de maio a junho, o Tsar Nicolau II se viu obrigado a instituir a Duma do Estado. Os operários de Kiev, Ucrânia, também organizaram uma passeata reivindicando melhorias tanto para os camponeses quanto para os operários, que enfrentaram as tropas tsaristas cujos resultados foram 500 operários mortos. A Duma foi dissolvido em 1907 pelo próprio Tsar.

A situação piorou com a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pois havia escassez de alimentos e ocorrência de greves que paralisavam a economia. Somando a tais fatos, o exército do antigo império russo sofria com as derrotas. Esses fatores provocaram a queda do Tsar Nicolau II. O ápice e a derrocada do governo tsarista é assim relatada por Hobsbawm:

Na verdade o governo desmoronou quando uma manifestação de operárias (no habitual ‘Dia da Mulher” do movimento socialista) se combinou com um *lock-out* industrial na notoriamente militante metalúrgica Putilov e produziu uma greve geral e a invasão no centro da capital, do outro lado do rio gelado, basicamente para exigir pão. A fragilidade do regime se revelou quando as tropas do Tsar (...) hesitaram e depois se recusaram a atacar a multidão e passaram a confraternizar com ela. Quando após quatro dias de caos, elas se amotinaram, o Tsar abdicou (...) ( HOBSBAWM, 1995, p.67).

Assim, é instituído o governo provisório liderado pelos burgueses, todavia eles não souberam reconhecer sua incapacidade de obrigar a Rússia a obedecer suas leis e decretos (HOBSBAWM,1995, p.68), a inflação estava alta, o índice de desemprego gigante, além disso alguns lutavam exaustos na guerra. Dessa forma o povo se uniu e os bolcheviques[[5]](#footnote-5), derrotaram a burguesia, liderados por Lênin que assumem o poder. Era o início da Revolução Socialista em 1917. Instalam a primeira República Socialista do mundo em 1922, quando houve um rompimento efetivo com o sistema capitalista internacional.

Para os socialistas, o capitalismo concentrava o poder nas mãos de poucos que controlavam a sociedade e criavam a desigualdade. O socialismo, idealizado por Karl Marx e Engels, defendia uma economia que era caracterizada pela propriedade pública ou coletiva, havendo assim uma distribuição equilibrada de riquezas, igual e justa em oportunidades. Engels (1988) relata que o comunismo é a doutrina que libertaria o proletariado que retira sua subsistência unicamente da venda do seu trabalho e não do lucro, a classe cujo bem-estar, a vida e a morte e existência depende do trabalho e alternância de uma boa situação econômica dos empresários ou não. A diferença do escravo para o proletariado é que o primeiro é vendido uma vez, e o segundo tem que vender a si mesmo a cada dia e cada hora.

A Revolução de 1917 provocou mudanças nas escolas públicas russas, elas assumiram um caráter democrático e o direito de ensinar a língua vernácula (ucraniana). A poesia, o teatro, o cinema, arquitetura e artes plásticas expande o universo de possibilidades criativas (CAPRILES, 1989, p.76). Desde 1917, Krupskaia, esposa de Lenin, representava a política de orientações culturais dos bolcheviques e reivindicava as promessas da burguesia de derrubar o método educacional tsarista e implantar a igualdade de educação para todos. Lunatcharski criou a legislação educacional da União Soviética e instituiu como metas a alfabetização de todos e a politização dos trabalhadores, a jornada de trabalho diminuiu 2 horas do turno, tornando possível aos operários os estudos escolares (LUEDEMANN, 2002, p.99).

A Ucrânia, país em que nasceu Makarenko, também resistiu à economia e política antes instaurada. Várias regiões que pertenciam ao antigo Império Russo obtiveram sua independência em 1918 em uma guerra civil, No entanto, houve diversos embates e em 1920, as forças tradicionais da Ucrânia são controladas pelo Exército Vermelho. A Ucrânia passou a integrar a URSS.

De 1920 a 1928 Makarenko foi diretor da Colônia Gorki que atendia crianças, adolescentes e jovens que viviam na marginalidade econômica e social, cuja experiência e vivência são intensamente narradas no livro *Poema Pedagógico*. Escrito após a Revolução Russa, essa obra mostra suas reflexões sobre a formação do novo homem para construção de um novo modelo social em que o coletivo prevalecesse sobre o individual.

É nesse cenário de mudança radical que Makarenko escreve o *Poema Pedagógico*. Para a sua tradutora brasileira trata-se de...

[...] uma obra artístico-literária singular da criação científica na área da educação. As colocações básicas da sua teoria pedagógica inovadora são apresentadas no livro de maneira não-especulativa, elas nascem do desenvolvimento dos caráteres e personalidades, da dialética das inter-relações do coletivo e dos personagens atuantes no livro, dos conflitos da vida e das situações, numa criativa solução do difícil problema da fusão das imagens artísticas com as colocações científicas (BELINKY, 1985,p.8).

A obra *Poema Pedagógico* é dividido em três volumes, o primeiro escrito 1933, só foi traduzido para o português em 1985 pela escritora Tatiana Belinky sem a qual, talvez não conheceríamos Makarenko. É impressionante a forma literária como ele relata suas experiências na Colônia Gorki, já que se trata de uma leitura de diálogos, vivências e episódios que revelam um paradigma educacional moderno nascido nos embates entre o mundo capitalista e o socialista.

Makarenko deixou a Colônia, após ter sido processado sob acusação de usar práticas pedagógicas erradas para a construção do cidadão soviético. Foi convidado em 1927 pelos tchequistas[[6]](#footnote-6) para dirigir a Comuna Dzerjinski, em Kharkov, com a proposta de autogestão. Ao contrário, da Colônia Gorki, essa tinha boa infraestrutura, os seus idealistas queriam que os meninos abandonados tivessem um futuro maravilhoso. Cinquenta gorkianos foram para a nova Colônia e os outros para *rabfak[[7]](#footnote-7)*. Makarenko tinha o objetivo de construir neste lugar a formação superior e uma indústria de equipamento materiais. Nesse âmbito, três etapas foram importantes para o crescimento: o trabalho de marcenaria para acumulação de dinheiro e a implantação de uma indústria moderna de fabricação de furadeiras com tecnologia nacional e a produção de máquinas fotográficas. Atendia também crianças que viveram nas ruas e que trabalhavam em subempregos. O critério para que ocorresse a coletividade era o da produção, no qual todos os aprendizes se dividiam em destacamentos entre 7 a 15 comuneiros em cada. Os membros de cada destacamento deviam comer juntos no refeitório, sendo que eles tinham diferentes idades. O destacamento devia ser liderado por apenas um escolhido através de designação ou eleição. A designação era necessária quando não exista uma forte coletividade. Cada chefe precisava ter como seu foco o cumprimento do plano de produção, bem como devia adotar medidas caso os comuneiros se afastassem das máquinas de trabalho para reuniões ou discussões.

As assembleias sempre eram abertas, o presidente da coletividade nunca podia permitir que os debates fossem interrompidos, impondo uma disciplina para que não tivesse barulho. O educador entrou em uma nova reivindicação com os mesmos que o convidaram para direção da comuna, eles procuravam instituir 6 horas de trabalho e 4 de estudo para os comuneiros. Makarenko defendia 2 horas de trabalho, já que a Colônia já estava bem estruturada. Após cinco anos (1935) dessa discordância, deixa a Colônia Dzerjinski e muda para Kiev com sua esposa e seu filho adotivo, se dedica a seus livros e termina o *Poema Pedagógico*, que havia iniciado em 1933 ainda na Comuna. Em 1937 a Colônia foi fechada, alguns alunos enviados para estudar e outros para o Departamento Nacional. O educador soviético manteve contato com os gorkianos e comuneiros, muitos se tornaram aviadores, diretor de internatos, enfim se tornaram verdadeiros cidadãos através da educação que tiveram (LUEDEMANN, 2002, p.48).

Makarenko viajou de trem em 1º de abril de 1939 para expor suas ideias do coletivo a alguns amigos, mas é encontrado morto, vítima de um ataque cardíaco. É o fim de sua jornada, mas não da sua herança pedagógica que para sempre ficará na memória dos educadores contemporâneos através de sua viva narrativa.

Seu primeiro livro foi *Marcha dos anos 30* (1930), reportagens sobre a vida na Comuna Dzerjinski. Publicou *A experiência metodológica na Colônia infantil de trabalho* em 1932. Descreveu fatos da Comuna Dzerjinki através de uma novela: a “*FD1”* em 1932. Ele escreve o segundo volume do *Poema Pedagógico* em 1934, e a partir daí é admitido como membro da União dos Escritores Soviéticos e em 1935 o terceiro volume é lançado.

Também escreveu a *Metodologia para organização do processo educativo*(1936) em que sintetiza sua proposta para o coletivo. Em 1937 houve *Conferências sobre educação infantil* eainda neste ano escreveu *Livro dos Pais,* preocupado com o rumo que a família estava tomando na época. *A felicidade* é artigo literário polêmico e *A Honra* surge como romance. Em 1938, *Os anéis de Newton* e *Problemas da educação escolar soviética*. Em 1939, escreveu *Bandeira nas Torres*, onde narra em uma ficção os resultados de suas experiências educacionais na Comuna Dzerjinski. *Aprendendo a viver* em sequencia ao Poema Pedagógico. E mais tarde, *Um caráter verdadeiro*, *Em comissão de Serviço*,*Da minha experiência de trabalho* e *Cartas e Artigos,*  publicado após sua morte.

O educador foi influenciado pelo seu pai, um operário ferroviário que o fez sempre preocupar-se com essa classe social e qualquer outra que eram tratadas de forma desigual. A sua mãe através das histórias, o transformou em um exímio escritor, e um apaixonado pela sua nação ucraniana, sempre se preocupava em inserir de alguma forma a cultura da Ucrânia em seus métodos pedagógicos. Influenciado pela Revolução Socialista, acreditava o que importava não era a formação profissional, mas o comportamento condizente para o novo que estava surgindo. O educador tinha grande participação nas escolas em que atou, pois cada pessoa é o resultado das nossas práticas pedagógicas. Makarenko tinha tudo para não ser um intelectual na visão dos antigos intelectuais, era doente quando criança, de uma família pobre, sem estudos e sem perspectivas em uma sociedade tsarista.

**Estudos sobre Makarenko no Brasil**

No entanto, entre os pesquisadores brasileiros se a obra de Makarenko não está totalmente esquecida, é possível afirmar que é muito pouco lembrada. Deste modo, é bastante oportuno, após a exposição de sua vida e obra, verificar os trabalhos dedicados aos estudos da pedagogia makarenkiana nos programas de mestrado e doutorado das universidades brasileiras. Esta sondagem permitirá visualizar os esforços de alguns pesquisadores para atualizarem tal obra na tarefa da escola brasileira de conduzir moral, ética e cientificamente a população juvenil.

Na presente pesquisa foi constatado que Anton Makarenko tem sido pouco estudado no Brasil. Basta o levantamento de temas de dissertações e teses em educação disponível no Banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para verificar que há apenas 9 trabalhos que, de modo direto ou não, referem-se à pedagogia socialista. Entre estes, apenas 6 trazem nas referências bibliográficas a obra de Makarenko sem, no entanto, estudá-la como tema central. Os demais, apenas 4, desenvolvem suas reflexões em torno da referida obra.

O primeiro foi o de Cecilia Luedemann (1994) com a tese de mestrado intitulada *“Makarenko: a escola como coletividade”*, porém este estava indisponível para acesso. Felizmente pode-se contar com a publicação de Cecilia do livro “Anton Makarenko: vida e obra a pedagogia na revolução”(2002). O segundo, de Flávio Boleiz Junior (2008) intitulado *“Pistrak e Makarenko: Pedagogia social e educação do trabalho”,* finalmente, o terceiro de Reinalo Luiz Xavier Tillman (2009) *“Trabalho e Educação: os coletivos pedagógicos de Makarenko”*, e por fim *“Makarenko: Uma contribuição à Discussão Sobre Educação e Trabalho”* (2009) publicada por Alice Maria Gerolamo Gonçalves, esses acessíveis para análise. A maioria dos trabalhos publicados usa como referência bibliográfica e abordam como eixo *Trabalho* e *Educação*. Para melhor visualização elaboramos este quadro das obras que tematizam a proposta educacional Makarenkiana.

**Quadro 1** – Dissertações que tematizam a obra de Makarenko

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Título/autor** | **Instituição** | **Nível** | **Defesa** |
| **Makarenko: A escola como coletividade. / LUEDEMANN, Cecilia da Silveira.** | **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.** | **Mestrado** | **1994** |
| **Makarenko: Uma contribuição à Discussão Sobre Educação e Trabalho. / GONÇALVES, Alice Maria Gerolamo.** | **Universidade Metodista de Piracicaba.** | **Mestrado** | **1997** |
| **Pistrak e Makarenko: pedagogia social e educação do trabalho. / BOLEIZ JUNIOR, Flávio** | **Universidade de São Paulo** | **Mestrado** | **2008** |
| **Trabalho e educação: os coletivos pedagógicos de Makarenko. / TILLMANN, Reinaldo Luiz Xavier.** | **Universidade Federal de Pelotas.** | **Mestrado** | **2009** |

**Fonte:CAPES, 2013**

**Quadro 2**- Dissertações que utilizam a obra de Makarenko como referência bibliográfica

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Título/autor** | **Instituição** | **Nível** | **Defesa** |
| **O escolanovismo e a pedagogia socialista na União Soviética no inicio do século XX e as concepções de educação integral e integrada. / FREITAS, Cezar Ricardo.** | **Universidade Estadual do Oeste do Paraná.** | **Mestrado** | **2009** |
| **Educação revolucionária: pedagogia que fracassou? / PAVÃO, Ronaldo Maciel.** | **Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.** | **Mestrado** | **2009** |

**Fonte:CAPES, 2013**

Pesquisamos também no site do NPGED (Núcleo de Pós-graduação em Educação) da Universidade Federal de Sergipe, que disponibiliza dissertações de 1995 a 2012 e teses de 2011 e 2012, contudo nenhum trabalho foi encontrado sobre o tema.

Tal ausência instiga indagações a respeito do não enfrentamento de compreensão da pedagogia makarenkiana. Em outras palavras, esta obra não tem nada a dizer aos problemas educacionais brasileiros?

Mesmo com tamanha falta de pesquisa, as obras de Anton Makarenko tem sido referência para a educação no Brasil a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, uma vez que se apropriam de suas reflexões pedagógicas, especialmente, na formação do coletivo entre educadores/ educandos tão trabalhada por Makarenko, bem como em algumas experiências isoladas no interior das escolas públicas, escola de formação de militantes, em sindicatos associações ou em cursos de capacitação. Não há nenhuma escola no Brasil que seja exatamente como a que pensou Makarenko (LUEDEMANN, 2002, p.30).

Constata-se que o educador soviético épouco estudado no Brasil, o que priva muitos estudantes e profissionais da educação de conhecer e aderir às práticas de um educador que revolucionou o seu tempo através de seus métodos. O fundamental é compreender que estamos perdendo uma riqueza imensurável, pois Makarenko estava mergulhado na concepção socialista que direcionava a uma escola democrática e popular.

**Capítulo 2- O conceito de coletivo no *Poema Pedagógico* e a narração como elemento de exposição**

Neste capítulo, pretendemos analisar o conceito de coletivo constituído na experiência viva da obra *Poema Pedagógico* de Anton Makarenko, assim como destacar as passagens que demonstram ações em que a concepção de organização coletiva era formada entre os educadores e educandos da Colônia Gorki. Além disso, pretende-se destacar a narração de Makarenko como um elemento constitutivo de seu pensamento, elemento que merece destaque durante a leitura da referida obra. Na verdade, na pesquisa do conjunto de suas obras, ele demonstra ser mais literário do que teórico, na medida em que envolve o leitor em suas narrações de fatos que se tornam verdadeiras lições educativas.

Esta obra foi escrita por incentivo de Máximo Gorki, para que a sociedade tivesse acesso à narrativa que contaria como seria possível que jovens, ex- delinquentes, abandonados e desacreditados fossem transformados em novos homens da URSS. Luedemann (2002, p.247) relata que o educador às vezes escrevia sua maior obra na companhia de Semion Karabanov, ex-colono. Talvez uma das suas maiores inspirações, assim percebia que todo passado não havia sido em vão. Semion era apenas um dos exemplos dos numerosos colonistas que haviam tomado uma nova consciência de suas próprias vidas e das condições sociais, graças às efetivas intervenções das práticas de Makarenko.

O educador recebia muitas cartas contando como essa leitura havia transformado cada pessoa que lia sua obra, muitas vezes professores que já não tinham esperança que suas próprias metodologias pudessem surtir algum efeito nos alunos. Mas a partir das constatações de Makarenko, eles alegavam que não desistiriam, uma vez que o educador não abandonava os seus garotos diante dos momentos mais difíceis que um educador poderia vivenciar. No entanto, também chegavam relatos de pessoas que rejeitavam sua experiência na Colônia Gorki, contavam que a mesma era um método para meninos anormais, infratores da lei e por isso não tinha sequer utilidade (LUEDEMANN, 2002, p.250).

A Colônia Gorki ocorreu em três localidades diferentes: Poltava (1920-1923), uma província, em Trepke (1923-1926), uma propriedade rural abandonada e Kuriaj, província (1926-1928). Neste trabalho falaremos apenas sobre as práticas pedagógicas ocorridas em Poltava, pois é nesse ambiente que ocorrem as vivências contadas no primeiro volume do *Poema Pedagógico.*

Makarenko é convocado por Zavgubnarobraz em 1920, chefe do Departamento da Província, para assumir a direção da Colônia em que seria realizada a reeducação de jovens delinquentes soviéticos. Na conversa em que eles tiveram ficou claro que a convocação era para uma tarefa difícil, visto que envolvia a concepção e criação do novo homem para a sociedade soviética. Assim, inicia-se sua narração:

-Mesmo antes da Revolução já se sabia lidar com esses vagabundos. Já existiam as Colônias para delinquentes juvenis. [palavras de Makarenko]

- Isso não nos serve, sabe... O que foi antes da Revolução não presta para nós. [palavras de Zavgubnarobraz]

-Certo. Isso significa que temos que criar o homem novo de maneira nova. [palavras de Makarenko]

-De maneira nova, isso mesmo nisso você está certo. [palavras de Zavgubnarobraz]

-Mas ninguém sabe de que jeito fazer isso. [palavras de Makarenko]

-Nem você sabe? [palavras de Zavgubnarobraz]

- Nem eu sei. [palavras de Makarenko] (MAKARENKO, 1985, p.12).

Nesse diálogo, constatamos que para Makarenko era necessário educar o novo homem, mas que ninguém sabia como seria esta nova prática, inclusive ele mesmo reconheceu que não tinha ideia de como realizaria tal feito. Além disso, o preconceito estava muito vivo na nova sociedade soviética, ninguém pensava que delinquentes poderiam se recuperar e nenhum profissional gostaria de ir para uma Colônia com tal objetivo.

No antigo Império, todos os reformatórios eram apenas para a correção dos delinquentes e eram considerados prisões, o que causava maior revolta nos jovens que eram inseridos naquele lugar. Diante da fome e desespero no império tsarista e na Rússia liderada pelos mencheviques, a criminalidade aumentou e tal fato incomodava muito o Governo Soviético. Por isso, Máximo Gorki, escritor humanista, formou uma comissão – Comissão para a Luta Contra a Delinquência Infantil – com o aval de Lenin. Gorki tinha como meta solucionar de algum modo o caos instalado pelas instabilidades políticas da transição entre o império tsarista e o governo provisório russo. Assim, o primeiro passo foi a mudança deste problema para o setor da educação, não mais o da justiça tal como estava sendo tratado o assunto da marginalidade em que estavam sujeitos os jovens de então. Posteriormente, em segundo plano, o foco foi abrir Colônias para acolher estes menores (CAPRILES, 1989, p. 79).

A Colônia ficava em Poltava, Ucrânia, nas encostas de colinas arenosas que se estendiam até a uma floresta. Porém, antes da Revolução esse lugar era destinado a menores infratores, cujos diretores eram antigos militares que se limitavam a vigiar os jovens sob a responsabilidade do Estado e da justiça. Nessa Colônia, havia cinco estruturas de tijolos em forma de caixotes num dos cantos do terreno. Não gozando do respeito dos vizinhos mais próximos, quase tudo fora roubado, inclusive um pomar. Nas lembranças de Makarenko, somente o bufê (grande armário) restou naquele lugar, já que era tão grande que não passava na porta, razão de sua permanência no local (MAKARENKO, 1985, p. 16).

Quando chegou à Colônia, o educador encontrou o chefe de abastecimento Kaliná Ivánovitch, que se tornou o braço direito de Makarenko e chefe da economia da Colônia. Dessa forma, foi instituído um tempo para que a organização ocorresse e em dois meses colocaram vidraças, consertaram as estufas, puseram portas novas e consertaram o que era possível. Makarenko recuperou poucas coisas que haviam levado nos últimos dias, entre elas, um cavalo capado de trinta anos de idade.

Acrescentada às dificuldades da constituição da infraestrutura, ele também encontrava a recusa dos educadores, afinal todos fugiam e não acreditavam na difícil tarefa de tornar jovens delinquentes em novos homens. Todavia, tudo isso, não os impediram de iniciar o projeto pedagógico. O educador descreve: “Eu já estava me entregando ao desespero, na procura de colaboradores pedagógicos; ninguém estava disposto a se dedicar à tarefa de educar o novo homem na nossa floresta” (*op.cit*, p.19). Tempos depois, chegaram à Colônia duas educadoras: Iekaterína Grigórievna e Lídia Pietróvna, sendo a primeira um lobo pedagógico e a última descrita por Makarenko como muito jovem (*op. cit*., p.20).

Finalmente o grande dia havia chegado para a sociedade soviética e em 04 de dezembro começavam realmente as atividades pedagógicas na Colônia. Os primeiros educandos eram seis rapazes, Zadórov, Búrun, Vólokhov, Bendiuk, Gud, Tarantês, sendo quatro deles com dezoito anos, enviados aos cuidados de Makarenko por assalto domiciliar a mão armada e os demais com menor idade acusados de furto.

Eles foram bem recebidos, foram preparados alimentos, as mesas foram forradas com lençol branco e Makarenko iniciou os trabalhos fazendo um discurso que destacava a necessidade de deixar o passado e seguir em frente. Este era o ponto forte do discurso, retomado em diferentes situações ao longo da trajetória da Colônia Gorki, uma vez que para ele era fundamental esquecer o que passou, a vida diária necessitava disso. Insistia o educador que não importava o que eles foram antes de chegar naquele ambiente, mas sim o que seriam daqui para frente.

Do outro lado da mesa, os educandos nem ouviam o jovem professor, cochichavam e zombavam. No dia seguinte, Lídia relatava a Makarenko a sua imensa dificuldade de conversar com eles:

- Eu não sei como falar com eles. Eu lhes digo: é preciso ir até lago buscar água, e um deles, aquele - o do corte de cabelo - vai calçando as botas e diz, quase me enfiando a bota na cara: ‘está vendo, o sapateiro me fez umas botas muito apertadas’!(*op.cit*., p.21).

Os alunos ofendiam e ignoravam os professores nos primeiros dias, saíam da Colônia e só voltavam quando desejavam. Ainda assim, o educador ucraniano disse que não havia perdido a esperança de inventar uma maneira de entender-se com os educandos. Makarenko descreve no *Poema Pedagógico* que os primeiros meses foram de desespero e de procura da verdade e que todas as leituras e teorias não iriam resolver os problemas. Na verdade, era imprescindível observar os fenômenos reais em busca de saídas importantes para o processo de educação dos colonistas. Assim, ao suposto descarte da teoria, refazia e reconstruía a unidade entre teoria e prática:

Quanto a mim, o resultado principal dessas leituras foi uma convicção firme, e, subitamente, não sei por que, fundamental, de que nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soa total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos (*op. cit.,* p.24).

Esses problemas fizeram com que ele percebesse a necessidade de lutar contra o individualismo e mudar a mentalidade e as atitudes dos seus educandos, utilizando como centro da educação a coletividade em uma sociedade marcada pelo fim da propriedade privada e a garantia de igualdade de direitos.

De acordo com a concepção makarenkiana, o coletivo é um organismo vivo e por isso mesmo possui órgãos, atribuições, responsabilidades, correlações e interdependência entre as partes. Se esses elementos não estiverem coesos, simplesmente não há coletivo, ou seja, há somente uma simples multidão, uma concentração de indivíduos. Além disso, o coletivo dos docentes e dos alunos não podia ser diferente, mas sim um único e mesmo coletivo, pois os professores deveriam ser integrados à coletividade (*apud* CAPRILES, 1989, p.13).

O relacionamento dos educadores com os jovens ficava cada dia mais complicado. Em certo dia, Anton Makarenko pediu que Zadórov fosse rachar lenha, e ouviu: “- Vá rachar lenha você mesmo, vocês são muitos por aqui”. (MAKARENKO, 1985, p.25). Ele estava como um vulcão devido a todos os fatos ocorridos anteriormente e ali estava o estopim. Diante disso, ele levantou o braço e aplicou um bofetão na cara de Zadórov. Ele relata que ficou apavorado e que ia bater mais ainda, porém ele ouviu: “-Desculpe, Anton Semiónovitch...” (*op.cit*., p.25). Depois disso, todos foram rachar lenha e encontrava-se aí a primeira circunstância em que o coletivo aparecia na Colônia.

Luedemann afirma: “A partir daí os primeiros educandos entenderam que era melhor aprender a trabalhar e conviver no coletivo, do que voltar para cumprir suas penas na prisão” (2002, p.126). No dia seguinte, as educadoras o repreendeu, principalmente Lídia, perguntando:

-Então o senhor já encontrou um método? Como no seminário, não é?

-Deixe-me em paz, Lidóchka!

-Não, o senhor me diga; vamos quebrar as caras? Eu também posso? Ou só o senhor?

-Lidochka, eu lhe direi depois. Por ora nem mesmo eu sei. Espere um pouquinho.

-Muito bem, vou esperar (MAKARENKO, 1985, p. 30).

Neste dia ainda, o educador avisou aos educandos que teriam de manter a disciplina caso quisessem continuar ou então iriam para onde achassem melhor e aindaE que deveriam arrumar os quartos e estudar em conjunto, pois a escola era indispensável. O incidente havia mudado a postura de Makarenko, ele estava mais firme em suas decisões e os meninos o respeitavam.

- Sim, eu surrei um educando. Vivenciei todo o absurdo pedagógico, toda a ilegalidade jurídica daquele incidente, mas ao mesmo tempo vi a limpeza das minhas mãos pedagógicas era assunto de importância secundária em confronto com o problema que eu tinha pela frente (*op.cit*., p.29).

Entretanto, ele alerta que não havia encontrado na violência a solução onipotente, mas sim verificou o fato como um divisor de águas. Os educandos o olhavam de forma diferente, com admiração e não medo.

Em fevereiro de 1921, chegava à Colônia uma carroça com 15 meninos abandonados. Nessa situação, Makarenko descreve: “Tivemos muito trabalho para lavá-los, vesti-los de alguma forma, curá-los das sarnas. Na sua maioria eles estavam muito largados, selvagens e totalmente inadequados para a realização do sonho da educação social” (*op.cit*., p.31).

Chegavam novos educadores em março daquele ano, o casal Ivan Ivanóvitch e Natália Markovna Ossipóv. Neste período, o chefe do Departamento Provincial de Educação Pública, Sr. Zavgubnarobraz, fora substituído por outro dirigente soviético que não demonstrara se importar com a Colônia Gorki. A burocracia soviética já se avolumava nos setores do poder central e o referido departamento funcionava como enfeite, as salas estavam cheias de pessoas que não trabalhavam, já que as mesas quase sempre estavam sem ninguém. O estado racionava alimentação, por isso no inverno de 1923 a Colônia não era nem de longe a figura de um ambiente educacional, os garotos vestiam casacos esfarrapados, pés enrolados com trapos amarrados com barbante e a comida um mingau raliço, o *condiór*, fatores que retratavam bem essa afirmação.

A primeira necessidade do homem é o alimento. Por isso a situação com as roupas não nos deprimia tanto quanto a situação com o alimento. Nossos educandos estavam constantemente famintos e isso dificultava sensivelmente o problema da sua reeducação moral. Apenas uma certa parte, e pequena, do seu apetite, os colonistas conseguiam satisfazer por meio de seus próprios recursos (*op.cit*., p.36).

Os recursos que os educandos tinham eram os roubos que realizavam nas feiras da cidade, sempre comiam e traziam diversos alimentos para os colegas. Makarenko não questionava, pois sabia que não poderia dar lição de moral a meninos que procuravam alguma forma de se alimentar naquele tempo de extrema fome.

O primeiro roubo descrito por Makarenko foi o de Tarantês, de dezesseis anos, caso em que nota-se a ausência de respeito do interesse coletivo por parte do educando. Ele pegou no rio algumas redes e os donos vieram buscar gerando tumulto. Tempos depois, alegou ter ganhado uma rede de amigos. Um dia levou para Makarenko um peixe, o educador não aceitou, já que o alimento teria que ser de todos os colonistas, assim ele relata:

- Isto é peixe para o senhor.

- Estou vendo, só que não vou aceitar.

- Por quê?

-Porque não está certo. O peixe deve ser dado a todos os colonistas.

- A troco de quê? – ruborizou Tarantês, ofendido. - A troco de quê? Eu consegui as redes, eu pesco, me molho todo no riacho, e devo dar para todos?

- Pois então fique com seu peixe. Eu não consegui nada nem me molhei no riacho.

- Mas isto é um presente para o senhor.

- Não, eu não estou de acordo, tudo isso não me agrada. Não está direito.

- Mas o que é que não está direito?

-Isto: você não comprou as redes, certo? Ganhou-as de presente?

- Foi de presente.

-Presente para quem? Pra você? Ou para todos da Colônia?

- Por que “para todos da Colônia”? Foi para mim...

- Pois eu acho que foi para mim e para todos. E as frigideiras, de quem são suas? São de todos. E o óleo de girassol que vocês pedem a cozinheira- de quem é o óleo? É de todos. E a lenha, o fogão, os baldes? Então, o que me diz? Eu posso tirara as redes de você, e ponto final. E o pior é a falta de companheirismo. E daí que as redes são suas? Mas você faça uma para os companheiros também. Todos podem pescar, não é mesmo.

- Tudo bem aceite o peixe (MAKARENKO, 1985, p.36).

Neste momento ficou evidente que os meninos aprenderiam formas de construir o coletivo através de vivências diárias. Ele deu um belo exemplo, afinal ele também se inseria neste coletivo. Como já foi dito, tudo era compartilhado pelos educandos e educadores, os professores usufruíam com os aprendizes a mesma mesa e os mesmos alimentos. Não havia como demonstrar algo que os próprios educadores não vivessem, tudo que era de um, era de todos. Assim, as condições dos educadores eram iguais a dos jovens, tal como está relatada na seguinte passagem:

Na nossa inenarrável pobreza havia também um lado bom, que mais tarde nunca mais tivemos. Éramos igualmente famintos e pobres também nós, os educadores. Naquele tempo, não ganhávamos quase nada, nos satisfazíamos com o mesmo *condiór* e andávamos envoltos em quase idênticos farrapos. No decorrer de todo inverno, eu andei de botas sem solas, com um pedaço dos trapos que serviam de meias sempre pendurado para fora (*op.cit*., p.38).

Apesar da extrema pobreza, Makarenko define aquele momento como algo bom, talvez pela união que havia entre os colonialistas e educadores, todos eram semelhantes e o espírito de coletividade estava presente.

A Colônia não tinha estrutura adequada, faltavam alimentos, recursos financeiros, e por isso os jovens praticavam roubos na cozinha e suas dependências. Certa vez, um dos educandos assaltou o dinheiro da gaveta de Makarenko destinado ao pagamento dos professores. Após uma conversa com todos, tentando conscientizá-los que eles estavam roubando de si mesmos, o dinheiro foi encontrado na cavalariça. Logo depois, foram roubadas algumas libras de banha, toda riqueza deles naquele tempo. Makarenko relata que até estava contente com essa circunstância, esperava que agora começasse a falar o interesse coletivo e fossem obrigados a se interessarem pelo caso dos roubos com um zelo maior. Não foi o que ocorreu, eles levavam na esportiva o ocorrido.

Novos roubos aconteceram e os próprios alunos perceberam que eles estavam sendo prejudicados. Burún, um dos educandos, havia sido o responsável pelo ocorrido, por isso decidiram então organizar o primeiro tribunal de justiça da Colônia. Se fosse decidido que o infrator era culpado, deveria ser punido e essa decisão tomada pelo coletivo deveria ser respeitada.

No dormitório, nas camas e nas mesas, acomodaram-se os juízes sombrios e esfarrapados. Uma lâmpada fosca iluminava os rostos emocionados dos colonistas e o rosto pálido de Búrun, pesado, desajeitado, de pescoço grosso (*op.cit*. , p.44).

Após longas discussões entre os colonistas e Búrun, Makarenko tirou o julgado do dormitório com medo da reação dos jovens, que ficaram nervosos por tudo que havia acontecido.

Meu estado de espírito era horrível. Búrun me parecia o último dos rebotalhos que podiam sair da escórnia humana. Eu não sabia o que fazer com ele. Ele fora parar por participar de um bando de ladrões, grande parte dos quais- maiores de idade- tinham sido fuzilados. Ele tinha dezessete anos (*op.cit.*, p. 46).

A condenação de Burún foi a sentença de passar três dias e três noites a pão e água. Makarenko o fez cumprir rigorosamente no primeiro dia e no dia seguinte, penalizado, levou o almoço. Desde esse dia em diante, ele nunca mais roubou em nenhum lugar. Makarenko poderia simplesmente ter enviado Búrun para a prisão, mas preferiu dar uma nova chance para ele, assim aprenderia uma lição valiosa, assim como seus colegas. Nesta situação, verifica-se que o coletivo estava nascendo na Colônia Gorki.

Com o passar do tempo, os moradores que residiam próximo a Colônia Gorki, passaram a pedir ajuda aos educadores e aos antigos delinquentes, pois na estrada haviam roubos, refeitos do assalto os camponeses contavam o ocorrido e Makarenko se reunia com seus pupilos e corriam para a estrada em busca dos objetos e do delinquente. Certa oportunidade, eles apreenderam um rapaz e o entregaram a Departamento de Investigações da Província, descobrindo que era um bandido famoso, depois o bando foi preso. A Comissão do Departamento expressou a gratidão.

Outro fato interessante narrado por Makarenko, foi o dia em que Kaliná Ivanóvitch saiu para conseguir alimentos na cidade, açúcar e cevada. No caminho foi abordado por bandidos que ao constatar sua total falta de dinheiro, ficaram com raiva e o agrediram fisicamente. A partir deste episódio, sempre que fosse enviado alguém para a cidade, um destacamento de colonistas deveriam vigiar todo percurso, designando a Zadórov o revólver de Makarenko, o que comprovava a confiança que ele depositava no educando.

Persistindo o período de inverno, as coisas ficaram mais sérias. Neste momento, as operações eram de ordem estatal. Um guarda florestal veio à Colônia e pediu que a floresta fosse vigiada, havia muitos lenhadores e ele não tinha como conter o corte ilegal das árvores. Os mesmos jovens que eram vistos de forma negativa, como seres que não tinha mais possibilidade de mudança, agora eram convocados para proteger a população e seus bens. Na concepção desse trabalho, supõe-se que Makarenko percebeu que seus métodos estavam sendo valorizados pela população, mas não era valorizado pelo Estado, que sempre negava ajuda e alimentos para a Colônia. Supõe-se também que os educandos também se sentiam percebidos de outro modo, estavam do outro lado, não eram mais tratados feito criminosos, mas como pessoas fortes e de confiança.

O educador logo percebeu que essas novas obrigações dos gorkianos, o fizeram muito bem, pois lhes davam um senso de responsabilidade e de liderança. Assim, Makarenko também idealizou em sua proposta pedagógica os destacamentos, definida por ele como coletividade primária, ou seja, dela surgiria a coletividade geral. Um educando era nomeado o líder, cada destacamento era responsável por uma atividade na Colônia *(Verificar anexos, p.52 – fotos 1 e 2).*

Os rapazes tinham verdadeira paixão por tudo que mencionasse a Revolução Socialista, por isso o líder do destacamento era chamado de comandante. Havia eleições para escolher os representantes dos colonos, eleitos através do coletivo. Esses cargos eram ocupados de 3 a 6 meses, o nomeado não tinha nenhum privilégio, a escolha ocorria em uma reunião denominada pelos colonialistas de soviete de comandantes.

Segundo Bauer e Buffa (2010, p. 35), na concepção de Makarenko, a coletividade madura pode e deve eleger seus coordenadores de acordo com critérios estabelecidos pelos representantes, tais como: ser fiel aos interesses do coletivo, ser bom aluno e bom trabalhador. Ao ser eleito ele deveria levar em consideração os objetivos da coletividade em cada tarefa.

Evidente que essa proposta foi evoluindo com o passar dos anos, inclusive foi criado o destacamento misto e provisório, o seu tempo era de uma semana apenas, onde os educandos recebiam uma tarefa que deveria ser realizada e depois este destacamento era desfeito. Cada gorkiano conhecia o destacamento permanente a que pertencia e devia disciplina. Segundo Makarenko (1985, p.241), esse sistema fazia com que os colonistas participassem não só das funções de trabalho, mas também da organização, fator essencial para que de fato a educação comunista fosse praticada.

Outra criação de Makarenko foram as assembleias gerais que tinham por objetivo resolver os problemas que ocorriam durante o dia a dia da Colônia, como furtos, vandalismo, entre outras situações. Esses obstáculos eram discutidos e resolvidos coletivamente e após a resolução dos conflitos não era permitido que ficassem remoendo o acontecido. Cada colono poderia falar e deveria ser ouvido por todos, não era tolerado barulho ou sair do local da reunião. O foco das assembleias era a justiça, logo não podiam difamar uns aos outros.

Aos poucos os efeitos da coletividade foram aparecendo, os colonos passaram a se sentir responsáveis uns pelos outros, desaparecendo o pensamento do individualismo, consolidando assim as ideias comunistas de igualdade e coletividade. De acordo com as concepções de Makarenko, era no coletivo que tudo deveria se realizar e ser discutido, só dessa forma o “homem novo” seria constituído e feliz.

Mas nem por isso as dificuldades materiais deixavam de existir. O educador ucraniano pensava que a Colônia deveria priorizar a agricultura para amenizar a fome, mas o solo da Colônia era arenoso impossibilitando tal objetivo. Segundo ele, “A pobreza levada às últimas consequências, os piolhos e os pés congelados não nos impediam de sonhar com um futuro melhor” (*op.cit*., p.56). Certo dia, viram uma propriedade que pertencia aos irmãos Trepke, lugar rodeado pelo riacho nos três lados, circuncidando uma colina bastante elevada, o pomar estava recheado de frutas, as casa abandonadas, contudo, dentro estava cheio de bens (*op.cit*., p. 57).

Mais tarde Makarenko e os colonistas foram passear pela propriedade que conheceram e pensou: “Se instalassémos aqui nossa Colônia?”(...). Nós marinhávamos por entre as ruínas e sonhávamos, aqui ficarão os dormitórios, lá o refeitório, acolá um esplêndido clube, ali as salas de aula” (*op. cit*., p. 60).

À noite, o educador fez um informe para o Comitê Executivo Provincial, as autoridades então comunicaram que estavam preocupados com o abandono daquele local. Makarenko fez um relatório descrevendo como a Colônia vivia em situação de falta de recursos. “E eu tive a oportunidade de fazer um relatório sobre a pobreza, a falta de perspectivas e o abandono da nossa Colônia, na qual já nascera e existia uma coletividade viva” (*op. cit*. p.61). A autorização para que os colonistas pudessem ocupar o novo local finalmente estava nas mãos de Makarenko, ele nem acreditava. Porém, demorou muito para assumirem a nova terra, o rio que ficava em volta da Colônia enchia muito e transbordava, deixando impossível o acesso a propriedade Trepke.

A vida na Colônia Gorki era organizada de forma que todos tinham responsabilidades. Seu sistema pretendia ser autossuficiente e a sobrevivência de cada um dependia do trabalho de todos. As atividades eram divididas em dois momentos: pela manhã a sineta soava para o trabalho agrícola e de manutenção dos prédiosdas Colônias e à tarde assistiam às aulas e à noite durante o frio inverno nos dormitórios os alunos liam livros de Górki nas rodas de leitura coletiva. *(Verificar anexos, p 53.- foto3)*

As obras de Máximo Gorki eram as que os colonistas mais gostavam, as rodas de leitura auxiliavam na compreensão dos educandos sobre o que era lido. Ao contar a vida deste autor para os meninos, eles ficaram impressionados e diziam que era parecido com eles, o que fez com que a vida de Máximo Gorki viesse a se tornar parte da vida da Colônia, afirmou o intelectual orgânico soviético (*op.cit*., p.99). Assim, os colonistas denominaram “Colônia Górki”.

À noite, nos dormitórios, nós muitas vezes organizávamos sessões de leitura. Desde o primeiro dia, formou-se uma biblioteca, para a qual eu comprava e arranja livros em casas particulares. Ao fim do inverno, já tínhamos quase todos os clássicos e muita literatura especializada, política e agrícola (*op.cit*., p.98).

O trabalho dos educadores dividia-se em: a) plantões principais, desde as cinco da manhã até a noite, cujas tarefas diárias eram cuidadas por este plantonista; b) plantões de trabalho, os educadores orientavam geralmente no lugar onde os colonistas faziam serviços como na carpintaria e ferraria; e, finalmente, c) plantões noturnos, este acabou se tornando uma formalidade, já que todos se reuniam nos quartos para conversar e ler.

A Colônia ia se desenvolvendo e novos jovens chegando. Todavia, tais educandos não estavam dispostos a obedecerem às normas, segundo Makarenko, isto causava um forte abalo no frágil coletivo. Contudo, nenhum tipo de desrespeito com os educadores aconteciam, os antigos colonistas faziam questão de contar para os novos como o inicio foi difícil e o quanto deveriam respeito aos docentes (*op.cit*., p.73).

Os garotos recém chegados, na convivência com os veteranos, se desentendiam constantemente por bobagens, exigindo dos educadores o recomeço das ações pedagógicas. Parecia que os esforços retirados do mais íntimo de cada educador reiniciavam a cada vez que chegavam novos educandos, com seus costumes da vida pregressa.

E por que os rapazes não fugiam da Colônia? A vida na rua na pobreza da população russa pós a Revolução, não oferecia nada que fosse mais desejável, já que na cidade as pessoas passavam mais fome do que os educandos. Além de menores abandonados, eram recebidos meninos que brigaram com suas famílias e o Estado designava como dificilmente reeducáveis (*op.cit*.,p.74).

Um dia, um dos educandos entrou no quarto de Makarenko e, agoniado, lhe falou que os rapazes estavam se esfaqueando no dormitório. O educador saiu correndo e encontrou a cena de dois grupos brigando. Ele permaneceu na porta, até que todos notassem sua presença, pois nunca separava brigas ou gritava mais alto do que os briguentos. Diante disso, esconderam as navalhas e se calaram. Makarenko narra:

Então, súbito, expludo eu mesmo, assolado por uma erupção de raiva verdadeira e com plena e consciente convicção de que assim tem de ser:

- As facas na mesa! E rápido, com os diabos!...

As facas são colocadas sobre a mesa: navalhas finlandesas, facas de cozinha especialmente apanhadas para a represália, canivetes e lâminas fabricadas na nossa própria oficina (*op.cit*., p.76).

No dormitório, Makarenko aguardou todos dormirem e saiu do quarto. Na manhã seguinte os rapazes não falaram sobre o assunto e nem o educador. Percebendo que um dos jovens, o Tchóbot, incitava as brigas Makarenko tomou uma decisão:

Você terá que deixar a Colônia.

- E para onde irei?

-Aconselho que vá para um lugar onde é permitido esfaquear os outros. Hoje só porque um companheiro não lhe cedeu o lugar à mesa, você o espetou com uma faca. Então, procure um lugar assim, onde as discussões se resolvem a facadas (*op.cit*., p. 77).

Pela manhã, ele se despediu e disse a Makarenko que era grato por tudo que havia lhe ensinado e a partir daí o educador advertiu que se as coisas ficassem difíceis que retornasse, mas não em menos de duas semanas. Em um mês ele retornou.

-Então eu vim, como o senhor falou.

-Não encontrou aquele lugar?

Ele sorriu.

- Por que, “não encontrou”? Existem lugares assim... Eu vou ficar na Colônia, não pego mais numa faca.

No dormitório, os colonistas nos saudaram carinhosamente:

-Então o senhor sempre o perdoou! Nós não dissemos? (*op.cit*., p.77).

Makarenko sempre dava uma nova oportunidade para cada educando que desejava permanecer na Colônia sob sua disciplina. Observa-se que os gorkianos apesar da rigorosidade das ações do educador, gostavam dele e sempre acreditavam no seu perdão como uma nova chance para transformar seus comportamentos.

Além de várias dificuldades com os garotos, entre elas a estrutura e alimentação, Makarenko teria que enfrentar outro grande gigante: o vício. Começou com a embriaguez de Ossádchi e em alguns dias surgiram outros. À noite, o educador conversou com os jovens sobre o vício e os garotos prometeram não beber mais. No entanto, a Colônia estava cercada por destilarias clandestinas que produziam *samogôn* (vodca ilícita). No dia seguinte, o educador conseguiu uma ordem para destruir no soviete rural todos os aparelhos que faziam a bebida e avisou aos colonistas que não permitiria nenhum tipo de bebida na Colônia. “-Rapazes, digo-lhes direto e claro: não permitirei que ninguém beba. E, lá no aldeamento, enxoto todo aquele bando. Quem quer me ajudar?” (*op.cit*., p.80).

Ao chegar à casa de Luká Semiónovitch, foram oferecidos pela sua esposa creme de leite e pastéis, os rapazes saltaram em cima da comida, porém apesar da distração, Tarantês seguiu até o porão e encontrou aparelhos para fazer a bebida.

Nesse momento lírico surgiu na porta Tarantês e na casa soou o guincho assustado da patroa. Trantês tinha nas mãos a metade de um esplêndido aparelho de *samogôn,* a sua parte mais vital, a serpentina. Nem tínhamos reparado que Tarantês saíra do nosso recinto.

- Estava no sótão - disse Tarantês -, e lá há bebida também, ainda está quente ( *op.cit*. p.85).

À procura pelo *samogôn*, os colonistas entravam nas residências e destruíam os aparelhos, se sentiam verdadeiros cumpridores da lei. Todavia, após as investidas contra a bebida, surgia o jogo de cartas. Makarenko percebeu que sempre alguém se prejudicava nas tarefas diárias, ficava sem comer, outros trabalhavam demais, enfim eram os resultados das apostas no jogo. Um dos educandos fugiu da Colônia Ovtchárenko com medo da dívida que havia contraído no jogo de cartas. Após uma conversa com os colonos foi decidido que ele voltaria, afinal não poderia ser largado na cidade passando fome por uma tolice. Percebendo o que este vício estava causando na Colônia, os educandos decidiram que nunca mais ninguém iria jogar cartas.

-Rapazes, a coisa aqui está clara. Não têm que pilhar os companheiros no jogo. Podem achar ruim, como queiram, mas eu ficarei contra o carteado. Fiquem sabendo, eu não vou dedar ninguém por nada, mas pelas cartas sim. Ou então eu mesmo me encarrego de dar uma sacudidela. Porque eu vi Ovtchárenko, vocês mesmo sabem, não tem jeito para roubar. O Burún e Raíssa o depenaram. Acho que eles devem sair á procura dele e não voltar sem ele.

(...) Os rapazes começaram a falar todos juntos. Todos gostaram da solução encontrada. Burún confiscou pessoalmente todas as cartas e as jogou no lixo. (...) (*op.cit*., p. 92).

Mais jovens chegavam à Colônia Gorki, desta vez eram judeus e, para complicar a situação, também chegaram outros garotos que eram antissemitas. Os primeiros eram espancados e ameaçados, a começar por Ostromúkhov que lhe estragavam a comida e o insultavam. Outros jovens judeus passaram a ser perseguidos, eles tinham medo e por isso não se queixavam de nada para Makarenko. Ossádchi, já antigo colonista que gostava de exercer o poder sobre os outros e, especialmente, nesta situação de fragilidade dos judeus, se tornou o principal dos algozes desses jovens. Ao perceber tal ação, o educador pediu aos que tinham um bom comportamento que conversassem com os antissemitas, mas eles não concordaram. Makarenko se viu sem solução e convocou Ossádchi para o seu quarto, o rapaz não sentia nenhum tipo de arrependimento e pediu que Makarenko o expulsasse. Ele negou, pois Ossádchi seria considerado herói entre os educandos caso isso ocorresse.

Em umas das refeições, Ossádchi estava obrigando Schnaider a servir a sopa e, sem querer, colocou o dedo no alimento. Ossádchi deu um bofetão em Schnaider, quando de forma inesperada Ostromúkhov saltou em cima do antissemita para defender seu companheiro e a todos que não conseguiam viver com tranquilidade por serem judeus. Foram obrigados a ir falar com Makarenko, ele precisava resolver o problema ou ficaria impossível conviver na Colônia com os novos jovens. Segundo Makarenko:

Gelava-me e me deprimia a indiferença pelos espancamentos no refeitório manifestada por todos os colonistas, até os iguais a Zadórov. Senti de repente que agora estava tão isolado e solitário como nos primeiro dias da Colônia. Mas nos primeiros dias não esperava apoio e simpatia de parte alguma, era uma solidão natural e prevista, porém agora eu já tivera tempo de ficar mal-acostumado e a contar com a cooperação permanente dos colonistas (*op.cit*., p.125).

Ao chegar ao quarto de Makarenko, Ossádchi não se sentiu nem um pouco ameaçado pelo chamado do educador, talvez essa tenha sido a causa dele perder o controle. Makarenko jogou um ábaco na cabeça do jovem, mas ele bateu na parede. Em seguida, jogou a cadeira e o educando caiu no chão ao escorregar no casaco. A sentença a Ossádchi foi ficar quatro dias na sapataria a pão e água.

No primeiro dia da prisão, ele me chamou para a sapataria e pediu:

-Não vou fazer mais, perdoe-me.

-Sobre o perdão ainda vamos conversar, depois que você cumprir o seu tempo.

Após os quatro dias de prisão ele já não pedia perdão, mas declarava taciturnamente:

-Vou embora da Colônia.

-Pois vai.

-Dê-me um documento.

-Nada de documento.

-Adeus.

-Boa viagem (*op.cit*., p.125).

Observa-se que Makarenko não aliviou a sentença de Ossádchi, mas a de Búrun sim[[8]](#footnote-8). Provavelmente o educador viu que o segundo havia realmente se arrependido do feito, a prova foi que ele não mais voltou a roubar. Já o primeiro não demonstrava arrependimento, mas queria fugir da dura pena. O que estava em questão era a gravidade da ação e a reflexão ou não do educando com o ocorrido. Búrun roubou o dinheiro, prejudicou a Colônia, mas conseguiu compreender que ao roubar prejudica a si mesmo, ou seja, a noção da coletividade estava se concretizando. Já no caso de Ossádchi, exercia um preconceito racial característico tanto da Europa Ocidental quanto do leste Europeu, que afetava a integridade humana e ainda se sentia orgulhoso por isso. Em suma, Makarenko sabia diferenciar a gravidade dos dois casos.

Neste último caso, ele não conseguia se recuperar do que havia acontecido anteriormente. Tudo ia bem, os rapazes aprendiam a conviver no coletivo, riam, trabalhavam, mas ele se questionava, se ia descobrir realmente como tornar esses meninos felizes, se teria que começar novamente. Questionava-se sobre a sua impotência:

Há quantos milênios ela existe! Que nomes, que ideias brilhantes: Pestalozzi, Rousseau, Natorp, Blonsky! Quantos livros, quantos papéis, quanta glória! E ao mesmo tempo, um vácuo, não existe nada, é impossível haver-se com um só desordeiro, não há nem método, nem instrumental, nem lógica, simplesmente não existe nada! Tudo uma enorme charlatanice (*op.cit*., p.123).

Diante dessa situação ele sentia-se impotente, sem saber como poderia resolver os problemas que apareciam no cotidiano da Colônia, parecia que nada fazia efeito na reeducação dos jovens, entretanto, sua força de vontade para alterar esse quadro não lhe abandonava.

No início da Colônia Gorki haviam apenas 3 meninas, que tinham sido enviadas para a Colônia por furto. Eram: Ólia Vóronova, Marússia Liêvtchenko e Raissa Sókolova, sendo essas duas últimas levianas, pois bebiam e jogavam cartas com os garotos, se portavam com independência com os rapazes. No inverno de 1922. já havia seis meninas, a mais instruída era Raissa, que fora enviada a *Rafbak* (faculdade operária)de Kiev. Os outros estudantes não entendiam por que ela havia sido escolhida, se outros educandos mereciam mais, visto que se dedicavam aos estudos. Ela continuava a cometer seus pequenos delitos, mesmo na Colônia recebia bilhetes suspeitos. Raissa passou nas avaliações para estudar na faculdade e pouco se sabe de sua vida estudantil em Kiev, pois escreveu poucas cartas contando como estava.

Em janeiro, ela voltou e disse que havia sido dispensada para as férias, na verdade ela não frequentava mais a instituição e por isso foi expulsa. Em março, chega uma noticia a Makarenko, através de um educando, que Raissa estava grávida.

Eu gelei. Estávamos numa situação difícil: imaginem só, numa Colônia infantil, uma educanda engravidou. Eu sentia, em torno da nossa Colônia, na cidade, no Departamento de Educação, a presença de grande número daqueles virtuosos hipócritas que não deixariam de aproveitar a oportunidade para levantar uma enorme gritaria: há depravação sexual na Colônia, na Colônia os meninos coabitam com as meninas. Assustava-me o próprio estado de coisas na Colônia tanto quanto a situação complicada de Raissa como educanda (*op.cit*., p.136).

Na ausência de confirmação da gravidez, Makarenko insistia em perguntar a jovem se estava grávida, alegando que ele daria todo apoio e que ela iria trabalhar e criar seu filho, mas insistentemente ela negava.

Certa vez, o educador dirigiu-se a uma reunião no teatro municipal, em que fez uma conferência sobre seus métodos, diante das discussões apaixonadas. Conforme ele, foi necessário ficar na cidade mais um dia. Entre os diversos temas, questionavam sobre a coeducação realizada na Colônia Gorki, em toda União Soviética era a primeira a realizar esta prática, proibida por lei.

Durante o intervalo, um dos jovens foi até a cidade procurar por Makarenko, avisando que tinha uma criança morta na Colônia. O educador pediu que o jovem fosse à milícia para contar o ocorrido e ele iria mais tarde, devido à continuação da conferência. Raissa dera a luz durante o período da noite e nenhuma das outras meninas acordou. Após o nascimento, ela estrangulou a criança com um lençol e escondeu o bebê na cesta, pensando em levar para o matagal e as raposas o devorarem, pensando que dessa forma jamais saberiam que ela estava grávida. Ao chegar Makarenko, perguntou a Raissa:

-Pra que fizeste isso?

Raissa levantou a cabeça, fitou-me com um olhar obtuso de animal e arrumou o avental sobre os joelhos.

-Fiz, e é só.

-Por que não me ouviste?

Ela começou a chorar baixinho.

-Eu mesma não sei (*op.cit*.,p.139).

Em três meses Raissa foi julgada pelo Estado, todos os educadores foram convocados e o juiz perguntou a Makarenko: - “O senhor pode aceitá-la de volta na Colônia?”. Ele respondeu, - “Naturalmente” (*op.cit*., p.141).

Ela foi condenada a oito anos e imediatamente entregue sob os cuidados de Makarenko. A convivência com suas ex-companheiras após a sua volta foi muito difícil, uma vez que ninguém a aceitava. Assim o educador conseguiu um emprego para Raissa em uma malharia, procurando amenizar os ânimos na Colônia e, ao mesmo tempo, uma saída digna para a moça. Em 1928, ao encontrá-la trabalhando atrás de um balcão contou que tinha dois filhos e um marido e agradeceu ao seu professor: “- Obrigada, porque naquele tempo o senhor não me afogou. Eu, assim que entrei para a malharia, desde então atirei fora o meu passado” (*op.cit*.,p.142).

Makarenko rompeu com muitos paradigmas da sua época, por exemplo, a coeducação e o trabalho remunerado dos colonistas, afinal ele acreditava que era uma forma de torná-los cidadãos, entre diversas práticas. O Departamento de Instrução Pública, incomodado com as metodologias do educador, iniciou sua maior perseguição, falaram com tom de dureza: “- Nós vamos liquidar com essa sua experiência policialesca. É preciso construir uma educação socialista, não uma caserna” (*op.cit*.,p.153).

O educador tinha posições extremamente firmes e contrárias a que o Departamento preconizava, segundo ele:

Eu me permiti externar a minha profunda convicção de que, enquanto não estiverem criados o coletivo e os órgãos do coletivo, enquanto não existirem tradições e não forem criados hábitos elementares de trabalho e de vida, o educador tem o direito, e não deve renunciar a ele, de usar a força e de obrigar. Afirmei também que não era possível basear toda a instrução sobre o interesse, que a educação do senso de responsabilidade e do dever muitas vezes entra em conflito com o interesse da criança, em especial da forma como esta entende. Eu exigia a educação de um ser humano resistente e forte (...) (*op.cit*.,p.152)

O educador receava o fim da Colônia, mas não vivia angustiado, as ocupações não lhe permitiam isso. Um dos inspetores, Shárin, era o perseguidor fiel de Makarenko, especialmente, desde o dia em que o educador não conseguiu reprimir o riso de algo que o inspetor disse. Certo dia um educando fora mandado para a Colônia a pedido da Secção Especial, Shárin ficou extremamente incomodado por terem passado sobre a sua autoridade. Assim, questionou Makarenko:

- O senhor admitiu Ievguêniev?

- Admiti.

-Que direito tinha o senhor de admitir um educando sem o nosso consentimento?

Expressou imediatamente o seu mandato que mandasse embora o garoto

-Despache imediatamente o Ievguêniev de volta.

-Só com uma ordem escrita do senhor.

- Pra o senhor deve bastar minha ordem oral.

-Dê-me uma ordem escrita.

- Eu sou seu superior e posso detê-lo por sete dias pelo não cumprimento da minha ordem verbal (*op.cit*.,p.155).

Makarenko não temeu as ameaças do inspetor e prosseguiu ignorando as ordens dadas. Dessa forma, Shárin o prendeu. “- Mílicia? Mandem imediatamente um miliciano para prender o diretor da Colônia Gorki, que eu detive por sete dias...Shárin” (*op.cit*.,p.155). Neste caso, o Makarenko pede auxílio ao presidente do Comitê da Província e logo fora liberado.

Ao chegar à Colônia o educador foi surpreendido com os educandos apavorados. A Colônia havia sido revirada pelos burocratas da educação.

-Sabe, tudo aconteceu tão depressa, como se despencasse de não sei onde. Eles chegaram de automóvel, poucos sequer repararam, estavam todos trabalhando. Foram ao seu gabinete, fizeram não sei o que lá, um dos nossos foi espiar, viu que remexiam nas suas gavetas. O que é isso? Os rapazes correram para sua porta, mas aí eles saíram de lá (*op.cit*.,p157).

Makarenko inovou com seus métodos, o que causava certa inveja nos burocratas, pois eles não sabiam como educar os jovens delinquentes, talvez ele gostariam de ter pensado e agido como Makarenko.

**2.1 Entre a Colônia Gorki e a propriedade Trepke**

Enquanto o educador era perseguido, a propriedade Trepke era reformada, os prédios necessitavam praticamente de uma reconstrução total e com o pouco dinheiro que contavam dificultava muito tais reformas. A fome continuava presente na vida dos gorkianos, os roubos iniciaram mais uma vez e o alimento era o alvo. Os aldeões a todo o momentoprocuravam Makarenko acusando os jovens de roubarem comida, as excursões aconteciam durante a noite quando iam ao aldeamento e usurpavam galinhas, creme e leite e às vezes até dinheiro.

A inimizade dos vizinhos era notável, os roubos aumentavam, agora as estradas também eram assaltadas e os educandos negavam rigorosamente. Até que uma certa noite, alguns dos jovens que não praticavam o roubo, conseguiram encontrar o causador de toda essa confusão, era Prikhódko. Os garotos o levaram até o gabinte de Makarenko e uma cena incomum, beirando quase um drama suicida, foi assim narrada...

Num milionésimo segundo deu-se a catástrofe. Na minha mão surgiu um revólver.

-Ah! Demônio! Viver conosco!

Mas não tive tempo de encostar o revolver na minha cabeça. Desabou sobre mim a multidão de crianças, gritando e chorando.

Voltei a mim na presença de Iekaterina Grigórievna, Zádorov e Búrun. Eu jazia no chão, entre a mesa e a parede, todo inundado de água. Zádorov sustentava minha cabeça e, de olhos erguidos para Iekatína Grigórievna, dizia:

- Vá para lá...lá os rapazes..eles podem matar o Prikhódko...

Um segundo depois eu já estava no pátio. Arranquei Prikhódko deles, já sem sentido, todo ensanguentado (*op.cit*.,p.166).

Ele foi duramente espancado pelos colegas e as consequências dos seus atos não lhe causaram nenhum tipo de impressão. Prikhódko continuou a causar mais situações de roubo na Colônia, porém era muito dedicado e trabalhava como ninguém.

Após todos esses fatos, os colonos não conseguiam esquecer todas as acusações feitas pelos camponeses, diziam que não prestavam assim como o antigo czar (*op.cit*.,p.168). A Colônia era cercada por aldeamentos de *Kulaks* (fazendeiros ricos)*,* o que deixava a relação com os camponeses ainda pior, os assaltos voltaram a acontecer. Certo dia, dois dos colonos foram pegos no flagrante roubando uma saia e cobertor, um dos aldeões o amarraram e o levaram para Colônia, questionado Makarenko o que ele estava ensinado:

-Boa educação o senhor está dando aos seus colonistas.

-E o que o senhor tem com isso?

É o seguinte: as pessoas não tem sossego por causa deles, eles assaltam na estrada, roubam tudo (*op.cit.,*p. 172).

O presidente do soviete rural decidiu escrever um protocolo contando o ocorrido, porém este era um documento que levariam os culpados para a prisão. Makarenko interviu: “Estes moços foram apanhados pela primeira vez- disse eu. - Tanta coisa pode acontecer entre vizinhos! A primeira vez deve ser perdoada”. (*op.cit*., p.173)

O presidente negou o pedido, após muita insistência do educador ele aceitou sob a condição de que todos os colonistas viessem até ele e que fizessem o pedido de não encaminhar a acusação. Makarenko relata que se encheu de ódio e humilhação, todos foram até o presidente que perdoou os ladrões.

Makarenko se perguntava o que podia fazer, para onde iria para esquecer tudo aquilo. Decidiu ir ao bosque, já que ele confessava que o silêncio e a limpeza da floresta de pinhos, o ar impregnado do aroma de resina o atraíam para aquele lugar. (*op.cit*., p.174). A sua vontade era não sair dali e se transformar em uma das árvores. Quando chegou à Colônia, os educandos pensaram que ele queria se matar. Todos estavam tristes, no meio daquele clima de depressão, quando resolveram brincar de prendas. Makarenko fala como a pedagogia é surpreendente:

E nós de fato brincamos de prendas. A pedagogia faz caretas estranhas: quarenta garotos, bastante andrajosos, bastante famintos, brincam alegremente de prendas à luz de uma lâmpada de querosene. Só que sem beijos como prenda (*op.cit*., p.176).

A vida começava a ser criada na propriedade Trepke, espaço em que seria a Colônia Gorki. Uma das casas havia sido terminada e se instalaram seis colonistas que cozinhavam sua própria comida num fogareiro no jardim. As suas responsabilidades eram cuidar do jardim e das construções, da travessia do rio que separava a Colônia em Poltava da nova instalação e trabalhar na cavalariça. Depois, sessenta colonistas se mudaram para a nova Colônia Gorki, o trabalho era pesado, parte das terras estavam semeadas com trigo hibernal, centeio, aveia, beterraba e batata, porém sem grandes conhecimentos agrônomos, o que fez perderem boa parte do pomar. Durante o dia e até no período da noite, os colonistas passavam a pé de volta do trabalho para a Colônia e vice-versa. Aos domingos, todos iam se divertir no Kolomák, rio que ficava no meio das duas Colônias, inclusive os educadores.

Contudo, os roubos não paravam de fazer parte da vivência dos educandos, os mais velhos começavam a roubar nos porões das casas dos aldeões. Mitiáguin era o mentor destes fatos. Ele era respeitado pelos gorkianos, sempre em volta dele tinha um grupo de rapazes, influenciava a todos com quem conversava, inclusive os mais antigos colonistas.

No fim do verão, roubavam as hortas de melão e melancia dos camponeses, os vizinham vinham reclamar e acusar os garotos. Assim, narra Makarenko:

-Prove só, Anton Semonóvitch.

-Onde foi que arranjaste isto? Cai fora com a tua melancia!..E de resto, eu vou ter que tomar providências enérgicas com vocês.

-Esta melancia é das mais honestas, escolhida especialmente para o senhor. Pagamos o velhote por ela em moeda corrente. Quanto ao tomar providências em relação a nós, claro, já não era sem tempo, a gente não se ofende nem acha ruim...

-Ponha-se para fora daqui com a sua melancia e as suas conversas!(*op.cit*.,p.203).

Os rapazes não cumpriram suas promessas de não roubar e continuaram visitando as plantações. Neste instante era indispensável que Mitiáguin fosse embora. A partir daí, o educando foi desligado do coletivo e Makarenko lhe deu dinheiro pra seguir o seu caminho. Todos andavam tristes, os pequenos estavam apagados. Mais tarde, ele voltou alegando que tinha assuntos para resolver com Karabánov. Este saiu com Mitiáguin, deixando evidente que agora o seu futuro era outro. Depois de um tempo Karabánov retornou e o educador o recebeu porque soubera, naquele momento, que a sua confiança no jovem não fora abalada pelo fato dele sair da Colônia.

Diante do posicionamento Makarenkiano, no outono iniciou-se o período mais difícil da história da Colônia Gorki (*op.cit.,*p.214). A expulsão de Mitiáguin e Karabánov abalou o coletivo que já era existente. Os grupos quase não se reuniam no perídio noturno, cada um fazia suas tarefas individualmente. Os fracassos agrícolas contribuíram para esta falta de expectativas, os educadores também estavam desanimados:

Talvez estivéssemos simplesmente cansados: desde o inicio da Colônia nenhum de nós tivera férias. Mas os próprios educadores não culpavam a fadiga. Renasceram as velhas conversas sobre a falta de perspectiva do nosso trabalho, sobre a impossibilidade de promover uma educação socialista com “tais” rapazes, e sobre esse desgaste inútil de forças morais e de energia (*op.cit*., p.215).

Iván Ivanóvitch dizia em largar tudo, pois não havia esperança nos outros educandos. Mas Iaketerina Grigoriévna, que era tão perseverante como Makarenko, já demonstrava o contrário. Segundo a mesma:

Sabe de uma coisa? E se de repente nós estamos cometendo um erro terrível: não existe coletivo algum, está entendendo, não há qualquer coletivo, mas nós ficamos aí falando de um coletivo, nós principalmente nos auto-hipnotizamos com o nosso próprio sonho sobre um coletivo.

Espere - interrompia eu -, como assim, não há coletivo? E os sessenta colonistas, o seu trabalho, vida, amizade?

-Sabe o que é tudo isso? É um jogo, um jogo talvez interessante, um jogo talentoso. Nós nos entusiasmamos por ele e envolvemos os rapazes, mas tudo isso é temporário. Parece que o jogo já cansou, todos ficaram entediados, logo vão abandoná-lo duma vez e tudo se transformará num simples orfanato malsucedido.

Quando o jogo cansar, começa-se outro - Lídia Pietrovna tentava amenizar o mal estar (*op.cit*.,p.215).

Makarenko conta que surgiam os pensamentos que o sucesso era apenas uma utopia, mas o velho esforço paciente e silencioso não o deixava. Ele se mostrava enérgico para os educadores. Tudo parecia que ia mal, mas os efeitos da partida dos dois foram extremamente bons, os assaltos pararam e na Colônia apareceram muitas tarefas, todas ligadas à nova propriedade. Iniciaram-se treinamentos militares, todos os dias faziam exercícios na praça de esportes da Colônia. O educador afirmou que eram maravilhosos os resultados destas práticas, a postura dos educandos havia melhorado, ficaram esbeltos e esqueceram de andar coma mão dentro dos bolsos (*op.cit*.,p.217).

A rapaziada apreciou muito tudo isso, e logo apareceram espingardas de verdade, isto porque fomos aceitos com alegria nas fileiras do Departamento Geral da Instrução Militar, ignorando o nosso passado de infratores da lei (*op.cit*.,p.218).

Nesta época foi estabelecida a regra: toda e qualquer ordem tinha de ser respondida com a palavra *iést*, ou seja, “entendido!”. Surgiram também as cornetas, eram essas que davam o tom ao fim do entardecer e das atividades na Colônia.

Makarenko finaliza o primeiro volume do *Poema Pedagógico* narrando a ida para Trepke, no dia 23 de outubro de 1923. Tudo estava transferido para segunda Colônia, as oficinas, os galpões, as cavalariças, os pertences do pessoal, o refeitório, a cozinha e a escola. Na praça da antiga Colônia, os educandos marchavam em direção ao novo local com o estrépido dos seus tambores e os corneteiros davam a música da nova fase que começava.

Os colonistas se perfilaram em continência, os tambores rufaram, as cornetas atacaram a famosa marcha. A brigada da bandeira trouxe o seu estandarte do meu gabinete. Recebendo-o no flanco direito, não nos despedimos do velho lugar, embora nutríssemos contra ele qualquer animosidade. É que simplesmente não gostávamos de olhar para trás. E nem voltamos a cabeça quando a coluna de colonistas, rompendo o silêncio dos seus tambores, passou ao largo do lago Rakítnoie, ultrapassou a fortaleza de Andrí Karpóvitch pela rua do Cesário e descemos pra ao descampado do vale do Kolomák, em direção à ponte nova construída pelos colonistas.(...). Entrávamos numa nova era (*op.cit*., p.277).

Makarenko mencionava que esquecer o passado era fundamental, por isso pedia que o Departamento não enviasse mais os dossiês que contavam o motivo dos delinquentes irem para Colônia.

Para mim, o método básico da reeducação dos delinquentes era um que fosse fundamentado na mais completa ignorância do passado e, mais ainda, dos crimes passados. Pôr em prática esse método na sua totalidade não era fácil nem sequer para mim mesmo, pois entre outros obstáculos eu tinha de vencer a minha própria natureza. Eu sempre tinha impulsos de descobrir por motivo de que o colonista fora enviado para a Colônia, o que teria aprontado (*op.cit.*,p.257).

A Colônia Gorki passou a ser uma instituição modelo exemplar para infratores da lei diante das metodologias makarenkianas. Além disso, os meninos e meninas puderam sonhar com uma vida diferente da que estavam destinadas. O educador escreveu que o trabalho agrícola intensivo e muitas vezes pesado não os impedia de formarem a profunda convicção de que outro tipo de atividade os aguardava no futuro.

Muito se falava e ainda comenta-se a cerca dos métodos um pouco inusitados de Makarenko. De acordo com ele, nós podemos ser exigentes com as crianças e os jovens, ignorá-las e até ser indiferentes, mas quando sabemos com sabedoria e exatidão o nosso trabalho, elas sempre estarão do nosso lado e não nos desapontarão. Mas se formos gentis e amáveis e não demonstrarmos sucesso no que fazemos, elas nos desprezarão (*op.cit.,* p. 225).

A leitura do *Poema Pedagógico* nos faz enxergar um homem que expõe suas fraquezas e seus sucessos. Revela a sua natureza humana sem esconderijos, sem estar com uma máscara de herói da educação. Revela-nos quão penoso é se dedicar de verdade a ser um mestre, pois se resume em muito mais do que simplesmente ensinar um conteúdo. Makarenko dava verdadeiras lições de vida aos seus educandos, evidenciando que a transformação do futuro deles e da nova URSS dependiam de cada um no coletivo. O educador investiu em cultura, em formação de laços afetivos, em formas de auto-organização, enfim em criar um coletivo que envolvesse aos professores e educandos de uma forma que não fosse mais uma experiência a ser vivida, mas se transformasse em uma nova maneira de encarar a difícil tarefa de viver. Através de sua narração, Makarenko envolve-nos de tal forma que nos vemos na história, choramos e rimos, projetamos em nossa mente cada cenário e personalidade contada por ele.

**Capítulo 3- O que Makarenko pode dizer à escola pública brasileira?**

Após os capítulos sobre vida e obra de Makarenko e da análise da sua obra magistral, pretendemos aqui propor um exercício de pensamento a respeito do que o *Poema Pedagógico* pode contribuir para a nossa escola pública atual. Estamos nos permitindo, neste momento, recorrer à imaginação após o árduo trabalho da razão.

Assim, foi proposto pela orientadora, uma coleta aleatória de reportagens jornalísticas a respeito de casos de indisciplina e violência ocorrida na escola pública em alguns jornais da cidade ou de outras localidades. Enquanto era construída esta monografia, foi-se catando aqui e acolá reportagens referente ao assunto, o que resultou em quatro notícias que serão comentadas à vista da experiência gorkiana. Para isso, não será reproduzida a notícia na íntegra, mas destacados alguns parágrafos, o que nos permitirá estabelecer um diálogo entre nossa realidade e a obra estudada.

Passemos às notícias:

# Quadro I - Notícia

# Violência em escola assusta alunos e funcionários em Sergipe

## Colégio estadual já foi roubado dez vezes somente em 2012. Falta de profissionais facilita ocorrências dentro da unidade.

**Marina Fontenele**

O Colégio Estadual Juscelino Kubitschek localizado no município de Nossa Senhora do Socorro, em [Sergipe](http://g1.globo.com/topico/sergipe.html), tem sido alvo constante de bandidos. A unidade educacional já foi roubada dez vezes somente neste ano. Estudantes, familiares e funcionários temem que a situação se agrave.

‘Tive que tirar meu filho da escola porque ele estava faltando muito. Foi uma medida extrema e desesperada, mas desconfiei que ele estava se envolvendo com coisa errada e tentei evitar antes que fosse tarde demais. Soube que existe tráfico de drogas lá dentro e que jovens fazem sexo nos banheiros’, relata uma mãe que preferiu não ser identificada.  
A administração da unidade escolar nega que esses fatos sejam reais, mas não tem como garantir que eles não aconteçam, pois não possui funcionários suficientes para suprir a demanda. Só no turno da manhã faltam cinco professores, alguns deles apresentaram atestados médicos.  
Segundo a administração da escola, a situação está tão crítica que às vezes as aulas precisam ser interrompidas porque a fumaça do cigarro de maconha entra nas salas. ‘São usuários que ficam no muro, do lado de fora da escola’, justifica uma funcionária que preferiu não ser identificada.  
A equipe de reportagem do **G1 SE** presenciou alunos se beijando na escola e meninas que foram encaminhadas para a secretaria por estarem fazendo um strip-tease (*sic*) que foi filmado por colegas.

**Falta atenção**

Os funcionários do colégio também informam que esse tipo de comportamento excessivo dos jovens é resultado, na maioria, de problemas familiares. ‘Eles são muito carentes de atenção. Alguns presenciam a mãe sofrendo violência doméstica, pais consumindo drogas e têm até familiares presos. Tudo isso interfere no desenvolvimento deles’, lamenta uma educadora.  
A Secretaria de Estado da Educação (Seed) *(sic)* informou que intensificou o programa ‘Cidadania e Paz nas Escolas’ trabalhar a conscientização dos alunos e pais sobre a importância de combater a violência.  
A assessoria de comunicação da Seed *(sic)* informou ainda que o programa de desarmamento, lançado há 15 dias, será expandido para unidades de ensino situadas em áreas vulneráveis.

Somente em 2012, já foram registradas dez roubos, furtos ou arrombamentos no colégio. Neste ano foram 48 ocorrências policiais entre as 378 escolas da rede estadual. O último caso foi no sábado (22) quando os criminosos levaram 45kg de salsicha, 39kg de carne e 100kg de frango. Comida suficiente para alimentar 1,2 mil alunos por dois dias.

Mesmo com grades e sistema de câmaras de segurança, os criminosos ousam e entram por janelas, caixas de ar condicionado, quebram cadeados e entortam grades. Eles já roubaram eletrodomésticos da cantina e até as torneiras do banheiro masculino. A higiene das mãos está sendo improvisada no refeitório há dois meses.

O laboratório de biologia também foi completamente destruído e as aulas de educação física no turno da noite foram suspensas devido às ameaças e constantes roubos a alunos.

‘Já solicitamos a intensificação da Ronda Escolar e do policiamento ostensivo no entorno do colégio. Também espero que venham novos servidores, porque do jeito que está não dá para continuar’, finaliza uma funcionária.

Fonte: <http://g1.globo.com/se/sergipe>

Da mesma forma que são poucos funcionários nesta escola em Sergipe, na Colônia Gorki também faltavam profissionais. Contudo, os poucos professores que existiam na Colônia lutavam para a formação do coletivo em detrimento do individualismo, por isso se esforçavam ao máximo para que todo aquele processo educacional desse certo. Sem o coletivo formado também pelos professores, a Colônia não existiria. Eles também estavam expostos às mais duras realidades, inclusive à fome e ao frio. Creio que esta situação apresentada na reportagem Makarenko mudaria o pensamento individualista dos educadores e educandos para que permanecesse no seu coletivo.

Nota-se que há uma falta de disciplina nesta escola e no começo da colônia também havia, porém o educador fez questão de deixar claro que ou eles obedeceriam ou poderiam sair. “Deve existir disciplina colônia. Se não lhes agrada, podem dispersar-se, cada um que vá para onde quiser. Mas quem continuar vivendo na colônia terá de manter a disciplina” (MAKARENKO, 1985, p.28).

Reconhecemos que a direção da escola pública não deve e não pode oferecer esta opção aos seus estudantes, mas a disciplina pode ser debatida com eles, as condições reais da sociedade estão presentes na escola e ela pode ser o conteúdo e o tema mais preciosos para a comunidade escolar. É certo também afirmar que não nos encontramos num período revolucionário. Longe disso, estamos vivendo período de das relações capitalistas cuja intensificação da violência, sem punição dos agressores e com um sistema jurídico burocrático muito lento só acirram o esgarçamento da sociedade. As autoridades têm apontado soluções paliativas, apenas para amenizar a difícil realidade que vivemos com o aumento da violência nas escolas brasileiras.

Mas recuperando Makarenko, sua atitude seria rigorosa com estes jovens que atacam o bem público, construindo a consciência que esse ataque o afeta também porque sem ela, sua vida será jogada à própria sorte. Por outro lado, a educação para os estudantes das camadas populares é imprescindível, até mesmo mais do que para os jovens das classes médias e altas.

O comportamento dos alunos segundo a funcionária da escola é devido a problemas familiares, assunto também vivenciado por Makarenko. Os meninos e meninas que ele recebeu, com certeza não tinham uma boa estrutura familiar, até porque estavam abandonados. Contudo, o educador não usou desta afirmação como uma desculpa, ao contrário, criou diversos métodos na tentativa de fazer esses jovens felizes. Ele também não é condescendente como os familiares, pois, em sua concepção é necessário que a educação na família e na escola passe pelo afeto sem, contudo, ser negligente com o rigor da ordem e da disciplina, pois as crianças e os jovens não podem decidir prematuramente o que é bom para eles, sem passar por experiências que os façam compreender as conseqüências de suas ações.

Na escola sergipana foram realizados roubos por pessoas que não estudavam na instituição, na Colônia Gorki, os próprios alunos roubavam os alimentos. Neste caso, penso que o educador faria uma assembleia geral para discutir como solucionar este problema. Depois, formaria um destacamento para proteger a escola.

**Quadro II** – Notícia

# Seis adolescentes são flagrados com drogas em escolas de Ribeirão Preto

## Menores estavam com cigarros de maconha durante intervalo das aulas. Em Franca, garoto de 15 anos foi visto com frasco de lança-perfume.

Seis adolescentes foram apreendidos na noite de quinta-feira (16) com cigarros de maconha em uma escola estadual do Jardim Paulista, em Ribeirão Preto (SP). O caso consta no site da Polícia Militar e é investigado em sigilo a pedido do responsável de um dos jovens, pelo fato de eles serem menores de 18 anos.

A assessoria de comunicação da Secretaria Estadual de Ensino de São Paulo, disse em nota que os menores estavam com as substâncias ilícitas durante o intervalo no período noturno de aulas. Os alunos foram encaminhados para a delegacia para prestar depoimento e os responsáveis foram comunicados pela direção da escola.

Ainda de acordo com a secretaria (*sic*) , os gestores da unidade vão reunir o conselho para definir quais medidas serão adotadas.

Fonte: http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca

# Makarenko também enfrentou o vício na Colônia, nessa instituição ele conversaria com os alunos sobre as consequências das drogas. A final, suas práticas estão fundamentadas em conscientizar as pessoas a cerca das suas ações e consequências. Caso esta intervenção não surtisse efeito, ele ajudaria os educandos viciados de forma mais incisiva. Como narrou no *Poema*... “apressei-me a me lançar ao ataque a esse novo inimigo” (*op.cit*., p.88).

# Porém, se os jovens não estivessem realmente querendo viver livre das drogas, Makarenko não colocaria em risco o coletivo; faria o possível para afastá-lo dos outros jovens, até que ele percebesse que precisava de ajuda. O educador não simplesmente fazia imposições sobre suas decisões, mas através delas seus educandos compreendiam sua mensagem.

# Quadro III - Notícia

# Alunos e professores sofrem com falta de estrutura em escola de Assis

## Prédio apropriado está em reforma há dois anos. Pais se preocupam com qualidade do ensino dos filhos.

Alunos e professores da Escola Municipal de Educação Infantil "Rubem Alves", em Assis (SP), estão enfrentando um imenso desafio: suportar as aulas num imóvel adaptado, pequeno e sob altas temperaturas. O prédio onde deveria funcionar a escola está em reforma.  
A obra teve problemas, o projeto precisou ser refeito e faltou dinheiro durante a construção. Por causa disso, a estada na casa improvisada acabou se estendendo, para a preocupação dos pais. Algumas salas de aulas ficam vazias por causa do calor. A situação indigna os pais.

Para Valdirene Alvez Zupa, mãe de aluna, os cômodos são pequenos e abafados. ‘A situação é lastimável e infelizmente, ao passo que anda a reforma da escola que começou há dois anos, tudo indica que vai continuar para o ano que vem, as crianças vão continuar assim, é desumano o que elas estão passando por esta escola, eu, como mãe, fico triste com o descaso’, afirma.  
Nas salas de aula, os 120 alunos têm que driblar a entrada da luz do sol que vem das janelas. Atividades físicas praticamente não existem, primeiro porque não há espaço e muito menos uma área coberta. Na cozinha e no refeitório improvisado é praticamente impossível permanecer. As mães dos alunos têm medo de que isso possa atrapalhar o desenvolvimento dos filhos.  
Para Tatiane Raimundo, mãe de aluno, o local é apertado e muitas crianças o dividem. ‘Seria um quarto onde elas ficam, é muito pequenininho, dá dor de cabeça nela, o ambiente é inadequado para as crianças. Se tem espaço, estuda melhor, aprende melhor, presta mais atenção’, preocupa-se.

Em relação às obras da escola, que começaram no ano passado e ficaram paradas por quase cinco meses neste ano, a prefeitura alega que houve falhas no projeto inicial e falta de dinheiro durante a construção. Vinícius Guilherme Similli, secretário da educação, afirma que a obra deve ser entregue no próximo ano.

‘O primeiro problema foi em relação ao projeto, que teve que ser refeito, aconteceu algumas falhas, então isso atrasou o inicio das obras, que deveriam começar em 2011, mas só começou em 2012. E o segundo problema foi questão de financeira e orçamentária, durante julho e agosto, diminuímos o trabalho. Nós acreditamos que a obra deve ser entregue no ano que vem’, afirma o secretário de Educação.  
Enquanto isso, professores irão ter que enfrentar o forte calor dos próximos meses, seja com bastante água ou uma sombrinha na frente da escola. A situação inclusive tem afastado alunos da unidade. ‘Eu fico preocupada com a situação, deixo de trazer ela da escola, muitos pais fugiram, eu não posso fazer isso, é a escola mais próxima, ela vai permanecer aqui. O caminho é buscar solução e não abandonar’, destaca Valdirene.

O período letivo termina na próxima sexta feira (14). E uma sugestão do secretário de educação de [Assis](http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/cidade/assis-sp.html) para os pais que tiverem meios de ficar com as crianças é de buscá-las antes do horário para evitar tanto tempo nesse prédio apertado e com tanto calor.

Fonte: http://g1.globo.com

Esta escola, como diversas instituições no Brasil, não tem uma estrutura adequada para que ocorra uma educação de qualidade, o que compromete o rendimento dos alunos. Assim também era a Colônia, todavia Makarenko não ficaria se lamentando pela difícil realidade, mas sim ergueria com o seu coletivo para fazer o possível para tornar o espaço melhor. Fato que não o impediria de reivindicar os seus direitos e dos alunos, ou seja, um lugar adequado para a formação do cidadão.

# Quadro IV - Notícia

# Diretora e professora são intimadas a depor sobre bullying em escola no RJ

## Família denunciou agressões a menino de 7 anos em escola municipal.  Secretaria Municipal de Educação abriu sindicância para apurar o caso.

Uma professora e a diretora da escola municipal Tarsila do Amaral, em Irajá, no subúrbio do Rio, serão intimadas pela polícia a depor sobre uma denúncia de maus tratos dentro do colégio. A mãe de um aluno de 7 anos acusa o corpo docente da escola de não ter dado importância ao caso, que já havia sido sinalizado pela família outras vezes. Como mostrou o RJTV, no uniforme da escola estão as marcas das agressões e as blusas chegaram a ser rasgadas e sujas. O menino contou que foi socado, pisoteado e arrastado por outras crianças no colégio.

‘Os garotos quando estão na educação física eles me machucam, dão soco na barriga, me chutam, me arrastam pelo chão. Por isso que eu vou estudar em outra escola’, relatou a criança.

A mãe do menino, que guardou as roupas com marcas de pisões da última agressão, reclama da atitude da professora. ‘A minha ordem pra ele é quando os garotos fizerem alguma coisa, não faça nada. Faça queixa para professora. Ele fala: tia', aí ela: 'senta e cala boca'.

**Registro na polícia**

Depois de vários bilhetes na caderneta informando o problema, ela pediu a troca de turno e uma reunião com a escola. Um documento mostra que a escola considera o bullying como uma ‘brincadeira mais agressiva’. A partir daí, um funcionário do colégio passou a acompanhar o menino, mas as agressões não pararam e a mãe foi à polícia.

No último dia nove, ela registrou os maus tratos na delegacia e também foi ao Conselho Tutelar. Segundo a mãe do menino, a direção da escola diz que não pode fazer nada e que agressões são comuns dentro do colégio. A mãe diz ainda que a direção não tem estrutura e profissionais para lidar com essa situação de bullying.

**Secretaria de Educação abre sindicância para apurar o caso**

Na tarde desta quarta-feira (21), a Secretaria Municipal de Educação decidiu abrir uma sindicância em relação à denúncia da família. Por meio de uma nota, a Secretaria informou que recebeu as novas informações da direção da escola Tarcila do Amaral e que por isso decidiu investigar melhor o caso.

Anteriomente, a Secretaria havia informado que a escola não tinha registro de nenhuma agressão contra o garoto.  Eles informaram ainda que uma equipe com pedagogos, psicólogos e assistentes sociais vai à escola conversar com professores e alunos.

Fonte: <http://g1.globo.com>

As agressões contra o indivíduo também se apresentaram na Colônia através do antissemitismo. Makarenko agiu com rapidez e disciplina para que a situação não se tornasse incontrolável de ser solucionada. Certamente o educador pediria para que os agressores desse menino parassem, caso não resolvesse ele levaria ao tribunal popular, ou seja, o coletivo de professores, educandos e funcionários para que ficasse decidido o futuro dos julgados. Daria o exemplo com a punição para que os outros não praticassem este desrespeito à pessoa humana. O educador não se resignaria como fizeram a professora e diretora da escola.

É interessante observar que o *Poema Pedagógico*, escrito há tantos anos, é uma obra fundamental na atualidade, pois os problemas vivenciados pelo educador na Ucrânia, guardadas as devidas proporções, não são diferentes dos vividos por nós no Brasil atualmente. Assim, como Makarenko às vezes se encontrava sem saber como agir com tantas dificuldades, os educadores brasileiros e de outras nacionalidades também. Mas é necessário retirar de suas lições a forte convicção de que enquanto o processo educacional não cumprir com sua tarefa de formar um sujeito consciente, justo, participativo e acima de tudo humanizado, não poderá descansar à sombra de nenhuma teoria ou de desculpas externas à escola.

**Considerações finais**

Para Anton Makarenko, era fundamental educar as pessoas que as condições históricas da sociedade soviética exigiam, constituindo uma experiência pedagógica consciente das condições dadas, mas sem o desespero que os obstáculos das circunstâncias se apresentavam. Nesta complicada missão, incluía educar diferentes personalidades sem se desvincular do coletivo como foco da prática pedagógica.

Os educandos da Colônia Gorki tinham um comportamento extremamente difícil, Makarenko utilizava de rigidez e disciplina para direcionar suas metodologias. Ele não tinha uma visão romântica da criança e da educação, apesar de na sua formação acadêmica ter aprendido dessa forma. Contudo, sua origem social, sua sensibilidade ao ético e ao belo, sua profunda experiência de ouvir história da mãe e os próprios fatos históricos de seu tempo não lhe permitia que esta concepção determinasse suas práticas. Ele nunca deixou de ter afeto pelos jovens, demonstrando cada vez mais que dava votos de confiança aos educandos que de alguma forma o havia decepcionado.

Conforme o posicionamento makarenkiano, a única forma de fazer acontecer a educação comunista era através da coletividade. O educador definia o coletivo como uma prática viva, onde membros dependiam uns dos outros, assim como o nosso organismo, uma vez que a partir do momento que algum órgão não funcione bem, todo restante se torna prejudicado.

Na leitura do *Poema Pedagógico*, ficou explicito que o educador soviético acreditava na transformação do ser humano, afinal enfrentou todas as dificuldades para educar jovens infratores, meninos e meninas que ninguém dava credibilidade. Também fica aqui compreendido que ele era uma pessoa persistente e confiante e mesmo que confessasse que não tinha ideia da maneira que iria lidar com algumas situações, sempre apresentava a melhor alternativa e superação de uma determinada circunstância conflitante. Isso devido à sua personalidade de educador convicto de suas posturas frente a sua tarefa de educar. Sabia que embasado nas experiências e com sua determinação poderia contornar essa falta de teorias e resolver plenamente os seus problemas.

Entende-se aqui também que ele era um intelectual que unia a teoria e a prática, pois mesmo quando afirmava que abrira mão das teorias, na verdade se desprendia delas para criar outra nova, o que demonstra mais uma vez que era o intelectual orgânico que comentamos neste estudo. Segundo Gramsci (*apud* Macciochi, 1976, p.198) “Já não pode contentar-se com efeitos oratórios... precisa-se jogar ativamente na vida prática, como animador, organizador, ‘perpetuamente convincente’, porque ele não é mais um simples orador (...)”.

Através da utilização das assembleias, tribunal popular, conselho de comandantes e os destacamentos, Makarenko fez surgir jovens responsáveis, conscientes e com comportamentos opostos ao que haviam chegado à Colônia Gorki. Outra prática criada pelo educador foi inserir o trabalho nas atividades diárias, fator imprescindível. Por isso, havia regras e pagamento de salário para que quando fossem embora tivessem experiência de como lidar com o dinheiro e se sentissem valorizados pela atividade que faziam. Porém, vale ressaltar que jamais essa atividade ocupava mais tempo na vida dos educandos do que a escola. Segundo Luedemann:

Era preciso retirar o caráter sagrado do trabalho, mostrando que o mesmo, isolado de um sistema geral de educação, não influencia na formação de novos homens. Ao contrário, dependendo do modo como o trabalho é realiado, pode resultar na negação da educação libertadora (...) (2002, p.129).

Nota-se que a maneira como Makarenko narra suas ideias, abrindo mão do texto teórico, nos ajuda a compreender como foi o processo da geração de seus métodos, e nos permite tirar lições de cada situação narrada pelo educador.

As práticas de Makarenko tem muito a nos dizer ainda hoje, apesar de suas vivências terem ocorrido após uma revolução, em um país totalmente diferente do Brasil. Os personagens do *Poema Pedagógico* tem os mesmos conflitos que os sujeitos jovens da cidade ou do campo, como o envolvimento com drogas, bebidas, violência, roubo, individualismo, gravidez na juventude e conflitos internos. Os educadores também se assemelham a nós professores que diariamente convivemos com a falta de estrutura nas escolas, sobretudo as públicas com carente apoio do Estado. Também há similaridade com questões atuais o nosso sentimento de impotência em relação ao comportamento dos alunos e a dura realidade educacional em que estamos inseridos. Outro elemento relevante é a educação de jovens infratores que se constitui em um desafio para todos os professores.

Creio que este trabalho tenha sido intenso no sentido de nos repassar um aprendizado quanto às nossas práticas mergulhadas no individualismo, talvez herança da sociedade capitalista que vivemos. É perceptível que devemos trabalhar com a coletividade em qualquer espaço, mas que esta é uma tarefa difícil e requer muito empenho e posicionamento político. Verificamos também que nós, profissionais da educação, somos fundamentais na vida dos nossos educandos, mas sem uma visão idealista e funcionalista.

A partir da narrativa do *Poema Pedagógico*, é possível mudar a maneira de notarmos os jovens que foram jogados à própria sorte e consequentemente foram impingidos para a criminalidade. Observamos que há chances de mudanças, desde que existam práticas que os humanizem para esse objetivo. Infelizmente, a realidade apresenta simples métodos paliativos que se repetem ao longo dos anos. Entretanto, não podemos dar espaço ao comodismo, visto que através do presente estudo, pudemos verificar a possibilidade de transformação do ser humano, que ele pode ser melhor. O principal incentivo é esquecer o passado e olhar para frente com esperança no que está por vir.

**Anexos**



Foto 1:

Destacamento de educandos preparando

um depósito para guardar a produção

agrícola, protegendo-a durante o inverno.

Fonte: René Capriles

Foto 2:

Um destacamento a caminho do trabalho no campo.  
Fonte: René Capriles

Foto 3:

Atividade no jardim da Colônia Gorki



Fonte: René Capriles

Foto 4:

Gorkiano fazendo guarda à bandeira

durante excursão no campo.



Fonte: René Capriles

**Referências:**

CAPRILES, René. **Makarenko**: o nascimento da pedagogia socialista. [S.I]: Editora Scipione,1989.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo, Saraiva, 2006.

FILONOV, G.N. **Anton Makarenko.** Tradução: Ester Buffa. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205177> Acessado em: 10/03/2012

FREITAS, Cezar Ricardo. **O escolanovismo e a pedagogia socialista na União Soviética no inicio do século XX e as concepções de educação integral e integrada.** Paraná, 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> Acessado em: 16/02/2013

GONÇALVES, Alice Maria Gerolamo. **Makarenko:** Uma contribuição à Discussão Sobre Educação e Trabalho.Piracicaba, 1997. Dissertação ( Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> Acessado em: 16/02/2013

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere.** Volume2. Tradução; Carlos Nelson Coutinho. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.

HOBSBAWN, Eric J. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNIOR, Flávio Boleiz. **Pistrak e Makarenko:** pedagogia social e educação do trabalho.São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> Acessado em: 16/02/2013

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko**:vida e obra **-** a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

**­­­­­­­­­­­­­­­­­­­----------------------**. **Makarenko:** A escola como coletividade.São Paulo. 1994. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> Acessado em: 16/02/2013

TILMANN, Reinaldo Luiz Xavier. **Trabalho e educação:** os coletivos pedagógicos de Makarenko. Pelotas, 2009. Dissertação ( Mestrado). Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> Acessado em: 16/02/2013

MACCIOCCHI, Maria Antonieta. **A favor de Gramsci.** Tradução de Angelina Peraiva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

MAKARENKO, A. S. **Poema Pedagógico**. Tradução: Tatiana Belinky. São Paulo Editora Brasiliense, 1985.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. Leandro Konder. Editora Vozes: Petrópolis, 1988.

MAPA da Ucrânia. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u78761.shtml> Acessado em: 18/02/2013

PAVÃO, Ronaldo Maciel. **Educação revolucionária:** pedagogia que fracassou? Mato Grosso do Sul, 2009. Dissertação( Mestrado). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> Acessado em: 16/02/2013

**Referência das Notícias:**

ALUNOS e professores sofrem com a falta de escolas em Assis. **G1**, Assis, 10 dez. 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2012/12/alunos-e-professores-sofrem-com-falta-de-estrutura-em-escola-de-assis.html> acessado em: 28/03/2013

DIRETORA e professora são intimidadas a depor sobre bullying em escola no RJ. **G1**, Rio de Janeiro, 21 nov. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/11/diretora-e-professora-sao-intimadas-depor-sobre-bullying-em-escola-no-rj.html> acessado em: 28/03/2013

FONTENELE, Marina. Violência em escola assusta alunos e funcionários em Sergipe. **G1**, Sergipe, 25 set. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2012/09/violencia-em-escola-assusta-alunos-e-funcionarios-em-sergipe.html> acessado em: 28/03/2013

SEIS adolescentes são flagrados com drogas em escolas de Ribeirão Preto. **G1**, Ribeirão Preto, 17 ago. 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/08/seis-adolescentes-sao-flagrados-com-drogas-em-escolas-de-ribeirao-preto.html> acessado em: 28/03/2013

1. As imagens utilizadas neste trabalho são apenas ilustrativas, pois não foram objeto de análise. [↑](#footnote-ref-1)
2. Lembrando que a Colônia Gorki funcionou de 1920 a 1928, neste trabalho trataremos apenas do período de 1920 a 1923. [↑](#footnote-ref-2)
3. Tsarista- refere-se à tsar, imperador russo, que dominou muitos países da Europa Oriental (LUEDEMANN, 2002, p.37). [↑](#footnote-ref-3)
4. Tinha como meta a alfabetização da população (CAPRILES, 1989, p. 30). [↑](#footnote-ref-4)
5. O partido dos operários foi dividido em mencheviques e bolcheviques (LUEDEMANN, 2002, p. 407). [↑](#footnote-ref-5)
6. Tcheká: Comissão extraordinária de toda Rússia para a luta contra sabotagem e a contra revolução (LUEDEMANN, 2002, p.207). [↑](#footnote-ref-6)
7. Faculdade operária ( LUEDEMANN, 2002, p.186). [↑](#footnote-ref-7)
8. Conferir neste capítulo a página 25. [↑](#footnote-ref-8)